

FERNANDA TORQUATO

**GRUPO ÊXTASE – ARTE, DANÇA E
CIDADANIA (TURNÊ 2009)**

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2009

FERNANDA TORQUATO

GRUPO ÊXTASE – ARTE, DANÇA E CIDADANIA (TURNÊ 2009)

Relatório Técnico apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social/ Jornalismo.

Orientação: Prof. Ms Erivam Morais de Oliveira.
Co-orientação: Profa. Dra. Solange Caldeira.

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2009



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Relatório técnico intitulado *Grupo Êxtase – Arte, Dança e Cidadania (Turnê 2009)*, de autoria da estudante Fernanda Torquato Braga Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Ms. Erivam Morais de Oliveira - Orientador
Curso de Comunicação Social / Jornalismo da UFV

Profa. Dra. Solange Caldeira – Co-orientadora
Curso de Dança da UFV

Léa Medeiros
Jornalista MS

Viçosa, 03 de novembro de 2009

RESUMO

Há dois anos o Grupo Êxtase de Dança Contemporânea de Viçosa- MG vem se apresentando em Escolas Públicas Estaduais a fim de levar a sua dança a quem geralmente não tem acesso e contribuir para a formação de novos públicos de arte. Em 2009, patrocinado pelo Prêmio Cena Minas, oferecido pela Secretaria de Cultura de Minas Gerais, o Grupo Êxtase viajou por cidades do interior de Minas Gerais e se apresentou em pátios e quadras de nove Escolas Públicas Estaduais e em um teatro. O grupo atingiu um público de mais de 4.400 crianças e adolescentes em suas apresentações. No sentido de divulgar a ação exercida pelo Grupo Êxtase, o Projeto Experimental de um fotodocumentário sobre sua turnê propõe o exercício da observação e utiliza a comunicação, o jornalismo e a fotografia, como ferramentas para olhar, registrar e refletir sobre ações sociais como essa e incentivar que outros grupos comecem a contribuir com a formação de um público crítico e apreciador de arte.

PALAVRAS-CHAVE

fotografia; fotodocumentário; dança; Grupo Êxtase; escolas públicas estaduais.

ABSTRACT

For two years the Êxtase Contemporary Dance Group of Viçosa-MG, performed in public schools bringing its dance to people who usually can't access it, contributing to the formation of a new public. In 2009, the Êxtase Group made a tour in the upstate of MG performing in schoolyard of nine public schools and one theatre. The group reached a public of more than 4.400 children and adolescents in their presentations. It was sponsored by the Minas Scene Award and offered by Culture Secretary of Minas Gerais. With the intent of disseminate the their social action, an experimental photo-documentary project about their tour, proposed an exercise of watching it, using communication, journalism and the photography as tools to stimulate the reflection about social actions. The Group action is serving to incentive other groups to contribute to the formation of a new art-appreciation public.

KEYWORDS

photography; photo-documentary; dance; Êxtase Group; public schools.

AGRADECIMENTOS

Ao Grupo Êxtase e a sua diretora Patrícia Lima, por realizarem um bonito trabalho levando a dança às crianças e adolescentes que não têm acesso e por permitirem que eu acompanhasse e registrasse toda a turnê do espetáculo “Alguém atrás de mim” de perto.

Ao fotógrafo Herculano Freitas que me emprestou, tantas vezes, o seu equipamento fotográfico e confiou em mim; ao professor Lino Neto que também me cedeu sua câmera para que eu não perdesse um dia de trabalho e ao fotógrafo e amigo Reyner Araújo, pelas sugestões, palavras de apoio, fotografias cedidas ao livro e por me socorrer sempre que precisei.

Ao meu orientador, Erivam de Oliveira e a minha co-orientadora, Solange Caldeira, que sempre me incentivaram e me indicaram os melhores caminhos. Agradeço também a Ana Carol Camargo que me cedeu material sobre a turnê; às professoras, diretoras, crianças e adolescentes que me deram entrevistas.

Os meus agradecimentos enfim, aos meus pais, Gilberto Torquato e Leudes Braga, pelo apoio que sempre me deram, ao meu namorado, Ulisses Vasconcellos que me ajudou a revisar o livro e aos meus amigos Aline de Abreu, Tatiana Duarte, Samira Calais e Érica Moraes, que me deram valiosas sugestões e me ouviram falar várias vezes sobre o livro e em especial aos bailarinos do Grupo Êxtase que abriram seus corações para falar sobre turnê.

O que a Fotografia reproduz ao infinito
ocorreu uma vez: ela repete
mecanicamente o que nunca mais poderá
repetir-se existencialmente.

Roland Barthes, 1984

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
DISCUSSÃO TEÓRICA	10
1.1 Fotografia e Arte.....	10
1.2 A escolha das fotografias.....	12
1.3 Fotografia como registro.....	13
1.4 Fotodocumentarismo.....	14
1.5 Escola – espaço de democratização das artes.....	15
RELATÓRIO TÉCNICO	17
2.1 Pesquisa.....	17
2.2 Pré-Produção.....	17
2.3 Produção.....	18
2.4 Orçamento.....	20
2.5 Pós-Produção.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23
APÊNDICES	25
ANEXOS	31
3.1 ANEXO 1 – Entrevistas	31

INTRODUÇÃO

A dança sempre foi considerada um meio de comunicação e de expressão por todos os tempos e todos os povos, ela é "a expressão, através de movimentos do corpo, organizados em sequências significativas, de experiências que transcendem o poder das palavras e da mímica". (GARAUDY, 1980, p. 13)

Através dos movimentos, ritmos, sequências, cenários e figurinos a dança transcende o poder das palavras. Toca o coração das pessoas. Apesar de encarada por alguns como um simples divertimento, desprovida de conteúdos e mensagens, essa expressão da arte pode servir para outros fins. É possível educar por meio da dança e é possível se comunicar dançando.

Alguns estilos de dança são fundamentados em códigos rígidos como é o caso do *ballet* clássico. Existem também aqueles que têm características muito peculiares, como a dança de rua e o jazz. Entretanto, a dança contemporânea é muito ampla, reflete dúvidas, questões, problemas atuais, contemporâneos, mudanças culturais, econômicas, políticas e tecnológicas que acontecem aceleradamente. "É manifestação cultural marcada por intercâmbios com outras artes, a mídia e a ciência, pela pluralidade de formatos e conteúdos simbólicos e ainda pela relação com a vida urbana". (SIQUEIRA, 2007, p.1)

Segundo Borsani (2007) a dança contemporânea apresenta-se como uma fusão de linguagens e de diferentes estilos, que convivem sem conflitos. Esse diálogo resulta em múltiplas possibilidades de movimentos corporais e com configurações complexas e em constante mudança, sempre em busca da identificação do indivíduo, com o que se está dançando, explorando, assim, questões mais significativas e mais próximas da realidade do intérprete.

Porém, essa dança que busca retratar a realidade, muitas vezes, não chega a muitas pessoas, para elas a dança contemporânea não faz parte de suas realidades. Por mais que existam iniciativas a favor da democratização das artes, os espaços culturais ainda continuam muito elitizados. Na maioria das vezes é preciso ir ao teatro para ter a oportunidade de assistir a espetáculos de boa qualidade, são raros os espetáculos que se preocupam em ir até o público.

Fatores econômicos influenciam de forma preponderante na criação de hábitos culturais como assistir a apresentações de dança, teatro e música. Alunos de escolas públicas

estaduais, em sua maioria, não têm hábito de freqüentar salas de teatro ou cinema, por diversos motivos, alguns deles relacionados a situação econômica de suas famílias e outros a falta de hábitos culturais das mesmas.

Segundo Nete Benevides (2009) não são campanhas de convencimento, tipo “vá ao teatro”, etc., que farão o público desejar ir ao teatro:

Esse prazer virá, certamente, de uma consciência crítica, da experiência estética, do gosto pela fruição artística. O ponto é a criação de procedimentos específicos que possibilitem o debate estético e este possa seduzir as pessoas determinando a formação de platéias. (BENEVIDES, 2009)

Nesse sentido, a Secretaria de Cultura de Minas Gerais criou o Prêmio Cena Minas – um prêmio do Estado de Minas Gerais de Artes Cênicas que se consolida como um instrumento de fomento cultural, e se soma à Lei Estadual de Incentivo, ao Fundo Estadual de Cultura e a outros mecanismos existentes no Estado.

Os principais objetivos do Prêmio são: o de fortalecer o teatro, a dança e o circo em Minas Gerais; possibilitar melhores condições de trabalho para os artistas cênicos; incentivar a pesquisa de linguagens; favorecer a circulação de informações; beneficiar diretamente a população das diversas regiões do Estado; contribuir para a formação de público, especialmente de crianças e jovens; facilitar o acesso ao conhecimento e a produções de qualidade.

Os grupos de dança e teatro que vencem o Prêmio são obrigados a fornecer uma contrapartida que, no caso de grupos de dança que são premiados na categoria “Formação de Público”, é de realizar oito apresentações fechadas para alunos da Rede Pública Estadual de Ensino e atender, com essas apresentações, a um mínimo de três mil alunos.

Essas apresentações buscam formar a consciência crítica dos alunos, por meio da experiência estética de assistir ao espetáculo, e com isso seduzi-las a quem sabe no futuro, fazerem parte de um público fiel das artes.

O Grupo Êxtase de dança contemporânea ganhou, em 2007, o Prêmio Cena Minas, na categoria “Formação de Público”, com o espetáculo “A Caravana da Ilusão”. No ano de 2008, o grupo foi contemplado mais uma vez com esse prêmio na mesma categoria. Dessa vez com o espetáculo “Alguém atrás de mim”.

O espetáculo “Alguém atrás de mim” trata das tensões cotidianas que todos vivem, da ansiedade provocada pelo stress da vida moderna, do medo da violência, do abuso sexual, dos excessos de trabalho e da sensação de que há sempre alguém nos perseguindo.

Com o dinheiro da premiação, os bailarinos viajaram em turnê por escolas públicas estaduais de Viçosa e região a fim de promover a formação de novos públicos. Durante as apresentações os bailarinos propiciam às crianças, um momento diferente. Ali na quadra, ou no pátio da escola surge uma atmosfera totalmente nova. Rompe-se o cotidiano escolar, que é invadido pela arte. E as crianças ficam a observar e, às vezes, adentram nesse ambiente ficcional.

Diante disso, um registro fotográfico e documental da turnê foi feito, buscando retratá-la em sua essência e verificar as sensações causadas no público que a assiste. A busca principal foi por fotografar as expressões das crianças e dos adolescentes, capturar com as lentes da câmera aquilo que elas sentiram ao ver o espetáculo, sentimentos que talvez nem elas mesmas consigam colocar em palavras.

Esse registro servirá como meio de divulgação do grupo e de sua iniciativa de levar a arte a quem, geralmente, não tem acesso; além de se tornar no futuro, um possível meio de pesquisa e reconstituição da história das pessoas que fizeram parte do Grupo Êxtase.

DISCUSSÃO TEÓRICA

1.1 Fotografia e arte

Na Antiguidade as artes e as ciências faziam parte da mesma categoria, a *techné*, que englobava as atividades que poderiam ser ensinadas. De acordo com Dobranszky (2009), no século XVII, houve uma ruptura entre a arte e a ciência, pois a arte se voltou para o estudo de elementos não racionais; essa ruptura foi se acentuando nos séculos posteriores, até que arte e ciência se tornaram pólos opostos.

A classificação que conhecemos hoje como fine-arts (belas-artes ou sua abreviação: arte) é relativamente recente. Abrangendo a pintura, a escultura, a poesia, a música e a arquitetura, essa categoria nasceu no século XVIII e foi reflexo de profundas modificações não apenas na teoria da arte como nos conceitos do homem acerca de sua relação com a natureza e com o divino. (VENTURI *apud* DOBRANSZKY, 2009, p.1)

De acordo com Erivam de Oliveira (2006) o surgimento da fotografia se deu na primeira metade do século XIX e revolucionou as artes visuais. Astrônomos e físicos contribuíram para sua evolução observando os eclipses solares por meio de câmeras obscuras – o princípio básico da máquina fotográfica. Após pesquisas de Nièpce, Daguerre, Talbot e Hércules Florence a gravação de imagens fotográficas feitas nas câmeras obscuras se consolidou na Europa.

A palavra fotografia vem do grego foto (luz) aliado a palavra grafia (escrita). Há séculos o homem busca a reprodução do visível. Em determinados momentos da história, a necessidade de aproximar-se do natural, do verossímil tornou-se uma fixação dos artistas e daqueles que produziam imagens. A invenção da fotografia contemplou essa necessidade. (LARA, 2006, p. 10)

Nesse contexto surge uma grande polêmica entre os pintores que acreditavam que “o novo método acabaria com a pintura, não admitindo, portanto, que a fotografia pudesse ser reconhecida como arte, uma vez que era produzida com auxílio físico e químico”. (OLIVEIRA, 2006, p.3)

A fotografia era uma representação da realidade que se parecia mais com a ciência devido a sua mecanicidade, mas almejava ser considerada como criação artística. Porém,

nessa época, a arte se ocupava dos sentimentos e a criação não tinha nenhum fim senão em si mesma, era feita para ser contemplada, apreciada esteticamente.

Nesse contexto, a fotografia não poderia ser considerada arte, pois era utilizada para auxiliar a ciência, para fazer retratos e para copiar documentos. Além disso, considerava-se o processo fotográfico como uma ação além de mecânica, automática, excluía-se a interferência do operador e a emoção intrínseca ao processo fotográfico.

Nos Salões do século XIX, espaço onde artistas expunham suas obras, a discussão sobre o caráter artístico da fotografia se acirrou ao ponto de Baudelaire (1821-1867) dizer que “a fotografia veio para corromper a arte e empobrecer o gênio artístico francês” (BAUDELAIRE *apud* DOBRANSZKY, 2009, p.2). Diante desse cenário, os próprios fotógrafos passaram a interferir da forma que pudessem no processo fotográfico, a fim de fugir da aura mecanicista.

Ao fim do século XIX, os Salões já estavam contaminados pela fotografia, mas os artistas continuavam a declarar que a fotografia não contribuía para a arte e que ela era mera imitação da realidade. Contudo, de acordo com Dobranszky (2009) o teórico da fotografia Federic Hart Wilson rebatia dizendo que o meio de representação não era importante, o que devia ser levado em conta eram os padrões estéticos utilizados. A partir desse momento, os fotógrafos foram aconselhados a estudar padrões estéticos e regras de arte e assim passaram a utilizar os recursos da pintura para alcançar sua legitimidade com artistas.

No início do século XX, com o surgimento das vanguardas de arte, a fotografia se tornou um meio artístico novo que poderia romper com as tradições. Os vanguardistas que emergiram no início do novo século eram experimentalistas e queriam uma quebra radical com a tradição, com eles a fotografia passou a ser um novo meio de representação.

A obra *Fonte*, de Duchamp, de 1917, sinalizou uma revolução nas discussões acerca da arte. Diante da impossibilidade da definição restrita do que é ou não é arte, Duchamp possibilitou sua definição como tudo aquilo que é chamado de arte. Ou seja, a arte é um ato de nomeação. (DOBRANSZKY, 2009, p.2)

A fotografia foi beneficiada com esse novo conceito, não importava mais o resultado final, escolher o que usar, como trabalhar, definir estilos, tudo isso era arte.

De acordo com Dobranszky (2009), muitas vanguardas se identificavam com questões políticas e ideológicas e na procura por uma linguagem mais imediata que refletisse o novo cenário industrial a fotografia adequou-se muito bem.

Os dadaístas inovaram com a fotomontagem, denunciando a realidade como algo construído, induzindo uma nova forma de enxergar o mundo e “as questões das inevitáveis escolhas do operador foram ficando gradativamente mais claras e a fotografia pode privilegiar-se de um reconhecimento mais amplo de sua vocação para expressão artística”. (DOBRANSZKY, 2009, p.2)

Em 1993, o MoMA (Museum of Modern Art) abrigou a primeira exposição fotográfica dentro de um espaço estritamente reservado a arte. “A fotografia como meio expressivo teve como marco a sua aceitação nos museus de arte.” (DOBRANSZKY, 2009, p. 3)

A fotografia tem um duplo sentido... Ela é a filha do mundo do aparente, do instante vivido, e como tal guardará para sempre algo de documento histórico ou científico sobre ele; mas ela é também filha do retângulo, um produto das belas-artes, o qual requer o preenchimento agradável ou harmonioso do espaço com manchas em preto e branco ou em cores. Neste sentido, a fotografia terá sempre um pé no campo das artes gráficas e nunca será suscetível de escapar desse fato. (BRASSAI *apud* KOSSOY, 2001, p.48)

1.2 A escolha das fotografias

O ato de fotografar é carregado de escolhas. Seleciona-se o instante, o espaço, o ângulo, a luz... E é esse momento escolhido pelo fotógrafo que será eternizado, que poderá ser consultado anos depois. Ele é somente um fragmento da realidade, escolhido pelo próprio fotógrafo.

Toda fotografia representa em seu conteúdo uma interrupção do tempo e, portanto de vida. O fragmento selecionado do real, a partir dos instantes em que foi registrado, permanecerá para sempre interrompido e isolado na sua bidimensão da superfície visível (KOSSOY, 2001, p. 44).

No mesmo sentido, Dubois (2009) afirma que “a foto aparece dessa maneira, no sentido forte, como fatia, uma fatia única e singular de espaço-tempo, literalmente cortada ao vivo”. (DUBOIS, 2009, p.161)

Assim como a fotografia é uma parte da realidade, ela é fruto de escolhas. A atração que sentimos por determinadas fotografias é puramente subjetiva. Assim como Barthes (1984) em sua obra “A Câmara Clara” decidiu analisar certas fotos baseando-se na atração que sentia por elas - “Decidi então tomar como guia a atração que sentia por certas fotos. Pois pelo

menos dessa atração eu estava certo.” (BARTHES, 1984, p. 35) - o mesmo foi feito em relação às fotos escolhidas para fazerem parte da publicação sobre a turnê.

Kossoy (2001) acredita que as escolhas feitas pelo fotógrafo no momento da produção das fotografias fazem que ele atue como filtro cultural:

A eleição de um aspecto determinado – isto é, selecionado do real, com seu respectivo tratamento estético -, a preocupação na organização visual dos detalhes que compõem o assunto, bem como a exploração dos recursos oferecidos pela tecnologia: todos são fatores que influenciarão decisivamente no resultado final e configuram a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural. O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal. (KOSSOY, 2001, p.42- 43.)

Muitas vezes, essa atração emana da subjetividade, mas é possível tornar uma foto atraente à maioria das pessoas, observando algumas regras de composição fotográfica. A presença de um *puncton* - um ponto de interesse - faz com que a foto fuja do convencional e se torne atrativa. O enquadramento, a perspectiva, a presença de linhas-guia e de molduras também contribuem para a “boa estética” da fotografia.

Nas fotografias escolhidas, essas regras de composição e estética foram observadas a fim de que as fotos se tornassem atraentes aos apreciadores do livro.

1.3) Fotografia como registro

“O que a Fotografia reproduz ao infinito ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. (BARTHES, 1984, p. 13)

As fotografias são importantes registros do nosso tempo e dos tempos passados, são fragmentos da realidade que se passou há muitos anos ou há poucos segundos atrás, por meio delas é possível se informar, se instruir ou mesmo sentir emoções.

É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a só um tempo, revelador de informações e detonador de emoções. Segunda vida perene e imóvel preservando a imagem-miniatura de seu referente: reflexos de existência/ocorrências conservados congelados pelo registro fotográfico. Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e informação para outros que os observam livres de paixões, estejam eles próximos ou

afastados da época em que aquelas imagens tiveram origem. (KOSSOY, 2001, p. 28)

As fotografias podem ser consideradas como documentos, registros preciosos da realidade material, importantes para pesquisas futuras. Kossoy (2001) deixa ainda evidente que a materialidade da fotografia foi fundamental para a atividade de uma parte importante dos pesquisadores da memória: os historiadores. O autor diz que o arquivamento cuidadoso das fotografias é garantia de uma interpretação mais fiel da realidade investigada pelos historiadores. A memória da fotografia deve ser preservada para posterior garimpo do pesquisador.

Seja como meio de recordação e documentação da vida familiar, seja como meio de informação e divulgação dos fatos, seja como forma de expressão artística, ou mesmo enquanto instrumento de pesquisa científica, a fotografia tem parte indissociável da experiência humana. (KOSSOY, 2001, p. 155)

O valor da fotografia, nesta circunstância, é que ela oferece modos singulares de observar e descrever a cultura. (COLLIER, 1973, p.34).

Por meio das fotografias é possível reconstituir histórias de vidas e viajar no passado. Creus (2001), autora do estudo “Olho, máquina e coração”, sobre as imagens fotográficas e a sua relação com a memória e a afetividade, acredita que “partindo do quadro estático e bidimensional que é a fotografia, iniciamos muitas vezes um longo percurso. Ela funciona como uma máquina que nos permite voltar o passado.” (CREUS, 2001, p.1) A autora não descarta a subjetividade presente nessa viagem, pois cada um enxerga de uma maneira e constrói novos significados para imagens aparentemente inalteráveis.

A publicação que tenta contar um pouco da história da turnê, baseando-se principalmente em imagens, no futuro poderá se tornar um objeto capaz de transportar as pessoas ao passado. Daqui a alguns anos, os bailarinos poderão mostrar a seus filhos um pouco de suas carreiras.

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem - escolhida e refletida - de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é, pois o documento que retém a imagem fugida de um instante da vida que flui ininterruptamente. (KOSSOY, 2001, p.156)

De maneira imediata o livro se tornará um meio de divulgação do trabalho do Grupo Êxtase e poderá incentivar que outros grupos levem a sua arte às escolas ou mesmo a outros lugares onde as pessoas não têm acesso à cultura.

1.4 Fotodocumentarismo

Segundo Sousa (2004) o fotodocumentarismo tem origem nos registros de viagens com características etnográficas, na documentação da conquista do oeste dos EUA aliada a fotografia colonialista, que remete à exaltação do nacionalismo.

No século XX, o documentarismo se tornou uma das grandes motivações da fotografia. Uma explicação possível é a curiosidade do ser humano em relação ao outro, que “deseja conhecer o outro, de saber como o outro vive, o que pensa, como vê o mundo, com o que se importa. As palavras são insuficientes.” (SOUSA, 2004, p.55).

Por ser fiel na semelhança com o referente, a fotografia é considerada a mais esmerada forma de documentação. Uma única fotografia pode conter incontáveis informações que, por sua vez, podem ser transformadas em objetos de estudo ou fontes de pesquisa. Um conjunto delas, sobre o mesmo evento, pode proporcionar ainda mais conhecimentos. (BONI, 2008, p.1)

O fotodocumentarismo tem uma característica praticamente intemporal, dando oportunidade para o fotógrafo trabalhar o assunto de forma mais completa, provocando profundas reflexões nas pessoas que observam o trabalho.

Além disso, a fotodocumentalidade carrega um caráter social. O fotógrafo consegue captar de forma mais humana a realidade. Pode-se dizer que o trabalho do fotodocumentarista se resume em proporcionar sensações nas pessoas que entram em contato com a fotografia.

A fotografia documental tem como proposta narrar uma história por meio de uma sequência de imagens. Com sua especificidade centrada na aliança do registro documental com a estética, ela assume a função de fazer a mediação entre o homem e o seu entorno. É, portanto, problematizadora da realidade social, e ao mesmo tempo, reivindicadora de um modo próprio de expressão. (LOMBARDI, 2007, p. 10)

A fotografia é um “texto que fala sobre o mundo e não apenas uma representação do mundo” (CAMARGO, 1999, p. 100). E um dos objetivos principais das imagens fotográficas tem sido o de realçar emoções, mostrar imagens consideradas apropriadas que tenham informações e um impacto visual.

Eventos como apresentações de dança são possíveis temas para fotodocumentários, na medida em que possuem um caráter social e educativo, principalmente, quando são apresentadas para crianças e adolescentes que estão em fase de formação cultural, além de serem eventos informativos e de impacto visual.

1.5 Escola – espaço de democratização das artes

“Sinalizo a escola como via de democratização do acesso à arte, como um local, muitas vezes, caótico, árido, mas igualmente fértil e possível de despertar apetites.” (MENDONÇA, 2009, p.1)

O poeta e dramaturgo alemão Brecht faz reflexões sobre o teatro didático e afirma que todos temos algo de artístico dentro de nós. O prazer estético, contudo, vai solicitar aprendizado e conhecimento. “A leitura crítica, a capacidade de compreensão de uma obra de arte, no entanto, pode e precisa ser trabalhada. A capacidade de elaboração estética é uma conquista e não somente um talento natural.” (BRECHT *apud* DEGRANGES, 2003).

Por isso, segundo ele democratizar a arte é transformar o pequeno círculo de iniciados na arte em um grande círculo de iniciados. Esse é um dos grandes objetivos da realização da turnê do espetáculo “Alguém atrás de mim”. Os oito integrantes do Grupo Êxtase procuram incitar nas crianças e adolescentes o gosto pela dança e quem sabe assim contribuir para o surgimento de novos bailarinos.

Segundo Benevides (2009), somente na relação com os códigos, o espectador vai poder se relacionar com a obra. É sua familiarização com esse universo que vai lhe proporcionar uma recepção possível em articular elos e conexões entre o que é visto e a realidade exterior.

Se quisermos formar espectadores é fundamental motivar crianças e adolescentes com vista às atividades teatrais, provocando-lhes prazer estético e fornecendo-lhes instrumentos conceituais com ênfase no espírito crítico. Essa herança cultural, seguramente, vai contribuir para o desenvolvimento da sensibilidade, da experiência do prazer, da comunicação e da sua afirmação como sujeito nos rituais coletivos. (BENEVIDES, 2009)

Ainda de acordo com Benevides (2009), Brecht acreditava que a intimidade e o gosto pela cultura artística se constroem desde a infância. O dramaturgo pensava a platéia teatral como se fosse uma platéia esportiva, no sentido de que diante de uma obra teatral o sujeito pudesse ter essa mesma familiaridade com seus signos como os tem diante de uma partida de futebol.

A possibilidade de conhecer os signos estabelecidos no processo histórico da arte teatral, assim como os mecanismos que as encenações se apropriam, além dos efeitos que produzem, permitem ao espectador um conhecimento prévio e uma criticidade sobre a obra apreciada. Esse domínio de linguagem pode ser verificado nos campos esportivos onde o conhecimento tático e técnico do jogo permite ao espectador esportivo,

mesmo sob efeito da emoção que ele possa ter distanciamento crítico sobre o jogo... Esse domínio ocorre em função do conhecimento técnico adquirido desde a infância, nas brincadeiras coletivas das chamadas “babas”, do contato com os familiares, dos jogos e comentários pelo rádio e televisão, das leituras de revistas de esporte, de todo um imaginário construído pela tradição esportiva. (BENEVIDES, 2009)

Documentar a apresentação de espetáculos de dança, através de um estudo fotográfico, para públicos que normalmente não tem acesso a esse tipo de cultura e estão em fase de formação, é uma forma de levar esse exemplo a outras pessoas e incentivá-las a fazerem o mesmo. É contribuir para que mais pessoas criem familiaridade com os códigos da dança e tomem gosto pela cultura artística.

RELATÓRIO TÉCNICO

2.1 Pesquisa

Após a escolha do tema e definição de que o produto seria um livro de fotografias, iniciou-se uma pesquisa bibliográfica sobre dança, principalmente sobre a dança contemporânea e suas definições; comunicação por meio da dança; fotografia; fotojornalismo; fotodocumentários e métodos e técnicas de pesquisa, na Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa e na Biblioteca Setorial do Departamento de Educação. Também foram realizadas pesquisas na internet em busca de artigos científicos que pudessem auxiliar a pesquisa.

Publicações de fotografia foram consultadas a fim de contribuir com idéias criativas tanto para a produção das fotografias, quanto para a diagramação do produto final.

2.2 Pré-Produção

A fase de pré-produção se constituiu de preparação de perguntas norteadoras de possíveis entrevistas com diretoras, professoras, crianças e adolescentes das escolas, bem como foram traçadas as estratégias de ângulos para fotografias.

Uma das estratégias traçadas para a produção das fotografias é que o foco principal seria a platéia e não os bailarinos como acontece normalmente, a fim de capturar as expressões das crianças e adolescentes que assistiam ao espetáculo. Outra estratégia seria fotografar os bailarinos durante sua preparação, enquanto faziam a maquiagem e se aqueciam para dançar. Essas fotografias de bastidores seriam usadas para ilustrar os depoimentos dos bailarinos sobre a turnê, que viriam na terceira parte do livro.

Nessa fase de pré-produção do livro foi pensada a disposição das fotografias e informações no livro e decidiu-se que ele seria dividido em três partes. Na primeira seria feita uma breve explicação sobre a turnê do Grupo Êxtase de Dança com o espetáculo “Alguém atrás de mim”, na segunda parte viriam fotografias produzidas nas escolas visitadas pelo grupo durante as apresentações e a terceira conteria com os depoimentos de bailarinos e outras pessoas envolvidas na turnê.

2.3 Produção

No dia onze de março de 2009 aconteceu a primeira apresentação do grupo Êxtase de Dança na Escola Estadual Alice Loureiro em Viçosa, Minas Gerais. Nessa escola o grupo se apresentou em dois turnos e seiscentos e cinquenta crianças e adolescentes assistiram ao espetáculo. A idealizadora do Projeto acompanhou os bailarinos desde o Núcleo Academia até a escola e, como já havia programado, começou a fotografá-los desde a sua preparação – maquiagem e aquecimento.

O grupo se apresentou no pátio da escola e as crianças se assentaram no chão para assisti-los. Quando a apresentação começou, as fotografias da platéia começaram a ser produzidas, a fim de captar suas impressões. Fotografias dos bailarinos também foram feitas, capturando as expressões de medo e aflição características da coreografia. A mesma apresentação foi repetida no período da tarde, e, posteriormente foram realizadas entrevistas com os alunos presentes.

No dia dezoito de março a turnê visitou a Escola Estadual Dr. Mariano da Rocha em Teixeiras, Minas Gerais. Nessa escola mais de oitocentas crianças e adolescentes assistiram as apresentações que aconteceram nos turnos matutino e vespertino. A idealizadora do Projeto não pode estar presente nesta escola, porém o fotógrafo Reyner Araújo cedeu as fotografias produzidas por ele neste dia, para compor o livro.

No dia dezenove de março, os bailarinos se apresentaram na Escola Estadual Effie Rolfs, localizada no *campus* da Universidade Federal de Viçosa. Nessa escola também foram feitas duas apresentações e a idealizadora do Projeto pode acompanhar e fotografar as duas sessões. Depois de cada apresentação alunos da escola e a professora de Educação Física foram entrevistados.

No mês de abril, durante os dias seis e sete, a turnê visitou Cataguases, Minas Gerais. Desta vez alunos das escolas estaduais Dr. Norberto Custódio Ferreira, Guido Marlière e Coronel Vieira, do Centro Educacional Cataguases, da Fundação Orneu Junqueira e do Núcleo de Desenvolvimento foram até o teatro do Instituto Francisca de Souza Peixoto assistir ao espetáculo “Alguém atrás de mim”. Essa parte da turnê foi a mais difícil de ser fotografada, pois as crianças estavam assentadas em uma platéia sem iluminação. O resultado foi boas fotos dos bailarinos, já o teatro possuía uma iluminação do palco adequada e fotos ruins da platéia que estava, na maior parte do tempo, no escuro. Não houve tempo hábil para

entrevistar os alunos da platéia que chegaram, assistiram ao espetáculo e foram embora porque precisavam chegar às escolas antes que o horário de aula terminasse.

No dia treze de abril, os bailarinos se apresentaram na Escola Estadual Raul de Leoni, em Viçosa, a apresentação foi realizada somente durante a manhã. A idealizadora do Projeto acompanhou a apresentação, porém não pode fotografar já que não conseguiu equipamento fotográfico emprestado naquele dia. As fotos da escola Raul de Leoni foram cedidas pelo fotógrafo Reyner Araújo. Após as apresentações foram feitas entrevistas com alunos e com a supervisora da escola.

No outro dia, quatorze de abril, os bailarinos viajaram para Ubá, Minas Gerais para se apresentarem no ginásio do Centro de Educação Integral à Criança e ao Adolescente – CAIC Governador Levindo Ozanam Coelho, onde estavam presentes alunos das escolas estaduais Cesário Alvim, Coronel Camilo Soares e Doutor Levindo Coelho. Foram feitas duas apresentações que foram registradas pela idealizadora do Projeto a fim de capturar as impressões da platéia. Após as apresentações foram feitas entrevistas com crianças da platéia e com a diretora do CAIC.

No dia vinte e nove de abril a Escola Estadual Santa Rita de Cássia fazia aniversário e o Grupo Êxtase foi convidado a se apresentar na quadra da escola. Após o lanche das crianças, o grupo se apresentou e foram produzidas fotografias da platéia e dos bailarinos. Ao final, crianças foram entrevistadas para saber o que elas entenderam e sentiram ao assistir ao espetáculo. As crianças dessa escola produziram desenhos e cartas sobre a apresentação e alguns deles foram incluídos no livro.

No dia vinte e sete de maio os bailarinos viajaram para Ponte Nova, Minas Gerais. Às dez horas da manhã o Grupo Êxtase se apresentou na Escola Estadual Professor Antônio Gonçalves Lanna, para um público estimado em seiscentas pessoas. À tarde o grupo visitou a Escola Municipal Senador Miguel Lana, onde trezentas crianças assistiram a apresentação. Nessa viagem a idealizadora do Projeto não pode acompanhar o grupo e, por isso, essas duas escolas não estão presentes no livro.

No dia quinze de maio a Escola Estadual Raimundo Alves Torres recebeu as últimas apresentações do Grupo Êxtase em sua turnê com o espetáculo de dança “Alguém atrás de mim”. Duas sessões foram feitas e mais de mil e trezentas crianças assistiram as apresentações. Essa escola não foi fotografada pela idealizadora, mas as fotografias foram cedidas pela produtora do grupo Ana Carol Camargo.

As fotografias foram produzidas com câmeras Nikon D70 e Nikon D80, lentes Nikon 70-300 mm, Nikon 17-70 mm, Nikon 70-200, Nikon 24 mm..

Após a produção de todas as fotografias o processo de seleção foi iniciado. Foram escolhidas as melhores fotos de cada escola e divididas em pastas denominadas “Bastidores”, “Apresentação” e “Perfil”, sendo que essa última englobava fotos que serviriam para ilustrar os depoimentos dos bailarinos da terceira parte do livro.

Algumas fotografias foram tratadas no Adobe Photoshop CS3 versão 10.0.1 e a montagem do livro foi iniciada. Durante a diagramação foi realizada no programa Adobe In Desing CS3 versão 5.0.4 é que foram escolhidas as fotos que realmente comporiam o livro.

O número de páginas só foi definido ao final da diagramação para que o menor número de fotos importantes ficasse de fora. A diagramação priorizou fotografias em maior evidência do que textos e muitas foram colocadas em página inteira.

Cada escola tem uma cor predominante o que serve para dar identidade às paginas de determinada escola. Além disso, algumas caixas de texto têm cores que se harmonizam com as cores das fotografias.

As fontes utilizadas variam durante o livro, mas seguem um padrão lógico, pois são aplicadas diferentes fontes conforme o *layout* da página, essa variação é adequada a cada tema. Quando a página sugere um tema mais infantil a fonte segue um estilo cursivo, e, quando a página contém um tema mais sério, seu estilo se torna mais tabular. Além disso, foram escolhidos depoimentos de diretoras de escolas e desenhos de crianças que assistiram a turnê para compor o livro juntamente com as fotos.

2.4 Orçamento

Os custos para realização do projeto englobaram o material e a impressão do livro. Foram pesquisados os preços de impressão a laser e utilizando fotolitos (processo que se baseia na conversão de informações digitais em chapas para impressão). Por meio de fotolitos a impressão teria maior qualidade, porém o custo seria muito alto e, por isso, optou-se pela impressão a laser.

O livro deve ser feito de um papel adequado para impressão de fotos por isso foi escolhido o papel *couché* branco de gramatura 180 g/m², que possui um bom acabamento superficial e confere melhor qualidade de impressão ao ser comparado com outros tipos de

papéis. O *couché* é geralmente utilizado para impressão de revistas, já que possui grande variedade de gramaturas, alta brancura, alto brilho, ou opacidade e alta lisura.

Após pesquisa na cidade de Viçosa, decidiu-se pela impressão a lazer na Copiadora Arte Livros, localizada na Avenida P. H. Rolfs, n 305, loja 13, centro.

Descrição	Valor
Uma impressão a laser, página toda colorida e em papel tamanho A3	R\$ 2,60
Uma impressão, metade da página colorida e em papel tamanho A3	R\$ 1,80
Uma folha de papel <i>couché</i> , branco, 180 g/m ² , tamanho A3	R\$ 0,40
Uma folha de papel <i>couché</i> , branco, 200 g/m ² , tamanho A3	R\$ 0,60
Um livro com 52 páginas grampeado ao meio	R\$ 62,20

2.5 Pós-Produção

Depois de diagramado o arquivo passou por conferência e foi ajustado pra impressão. Depois de impresso foi dobrado e grampeado ao meio. Pleiteia-se posteriormente a busca de patrocínios para a distribuição de exemplares para escolas, grupos de dança, pesquisadores do tema e demais interessados. Será realizada uma exposição de fotos itinerante abrangendo as escolas que receberam a turnê e a pinacoteca da Universidade Federal de Viçosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentações de dança em escolas públicas são eventos de relevância social e, por isso se constituem em possíveis pautas para jornalistas. É importante divulgar a iniciativa e propiciar que outras pessoas façam o mesmo. Contribuindo assim para que crianças e adolescentes cresçam tendo experiências estéticas que colaboram para que se tornem seres humanos mais críticos e apreciadores de arte.

Um fotodocumentário pode ser uma boa ferramenta para divulgar a iniciativa do Grupo Êxtase na medida em que é um produto visual e atrativo. Além disso, o livro servirá como acervo para o grupo e objeto de resgate de sua memória, já que as fotografias colocadas em uma sequência contam a história da turnê.

O livro “Grupo Êxtase - Arte, Dança e Cidadania (Turnê 2009)” contribuirá para divulgar o grupo profissional de dança contemporânea e valorizar o seu trabalho, tornando-se um objeto de comprovação da realização da turnê perante a Secretaria de Cultura do Governo do Estado de Minas Gerais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENEVIDES, Nete. **O olhar como sujeito**. Disponível em <<http://www.famigerado.com/tres/nbenevides.htm> >. Acesso em 23 de abr. 2009.
- BONI, Paulo César. O nascimento do fotodocumentarismo de denúncia social e seu uso como “meio” para transformações na sociedade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Natal: UFRN, 2008.
- BORSANI, Fátia Bassarola. **Análise dos elementos estéticos, estruturais e temáticos baseados no estudos de Humphrey e Hayes da obra “A Caravana da Ilusão” do coreógrafo Mário Nascimento**. Viçosa, 2007. 90f. Monografia (Bacharelado em Dança) – Departamento de Artes e Humanidades – DAH, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2007.
- CAMARGO. Isaac Antonio. **Reflexões sobre o Pensamento Fotográfico**. 2 ed. Londrina: UEL, 1999.
- COLLIER, John. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo: EPU, 1973.
- CREUS, A., **Olho, Máquina e Coração: Um estudo sobre as imagens fotográficas e sua relação com a memória e a afetividade**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2001 Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>> Acesso em: 1 maio 2009.
- DESGRANGES, Flávio. **A pedagogia do Espectador**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- DESGRANGES, Flávio. **Quando Teatro e Educação Ocupam o Mesmo Lugar no Espaço**. Disponível em: < http://www.educacao.sp.gov.br/Boa_Noticia/Flavio.htm > Acesso em: 24 de abr. 2009.
- DOBRANSZKY, D. A. . A Fotografia entre a arte e a máquina. **Studium** (UNICAMP), v. 21. Campinas: UNICAMP, 2005.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

GARAUDY, Roger. **Dançar a vida**. 6 ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo-SP: Ateliê Editorial, 2001.

LARA, Andréia Stormoski; FREITAS, Éder Antonio de; TORRENTES, Henrique de Mello. **A fotografia aplicada na reeducação de adolescentes**. Disponível em: <<http://www.udc.edu.br/monografia/monojoy01.pdf>> Acesso em: 03 de mai. 2009.

LOMBARDI, Kátia. **Documentário imaginário: novas potencialidades na fotografia documental contemporânea**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lombardi-katia-documentario-imaginario.pdf>> Acesso em: 12 de fev. 2009.

MENDONÇA, C. S.; FARIAS, S. C. B. Preencher o vazio e rasgar o caos: teatro como alimento para escola pública. **O Teatro Transcendente**, Blumenau, SC, v. 15, n. 15, 2009.

OLIVEIRA, Erivam Moraes de. **Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital**. São Paulo, 2006. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>> Acesso em: 02 de out. 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: introdução a histórias, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

APÊNDICES

5.1 Roteiro de perguntas feitas aos alunos

Nome:

Idade:

Série escolar:

Data:

Horário:

Local:

Perguntas:

- 1) Você gostou da apresentação que acabou de assistir?
- 2) O que você entendeu?
- 3) Você consegue relacionar o tema da apresentação com algum momento de sua vida, ou da vida de pessoas que você conhece?
- 4) Você costuma freqüentar teatros?
- 5) O que acha de apresentações de dança virem até a escola?
- 6) Você gosta de assistir apresentações de teatro, dança e música? Seus pais costumam levá-lo (a) a teatros?
- 7) Se houver uma nova oportunidade para outras apresentações culturais virem até a escola, você vai gostar?
- 8) Você gostaria de se tornar um (a) bailarino (a)?

5.2 Roteiro de perguntas feitas às professoras, diretoras e supervisoras

Nome:

Idade:

Profissão:

Data:

Horário:

Local:

Perguntas:

- 1) A senhora gostou da apresentação?
- 2) Na sua opinião, qual é a importância de se levar apresentações de dança como essa às escolas?
- 3) Os alunos receberam uma preparação sobre o tema da apresentação?
- 4) A senhora acredita que os alunos puderam compreender as mensagens contidas na apresentação?
- 5) Qual é a importância de desenvolver nos alunos uma formação cultural?

5.3 Roteiro de perguntas feitas aos bailarinos

Nome:

Idade:

Profissão:

Data:

Horário:

Local:

Perguntas:

- 1) Como você descobriu a dança?
- 2) Atualmente, você pratica quais modalidades de dança?
- 3) Participa do Grupo Êxtase de Dança há quanto tempo?
- 4) O que você acha de participar de um espetáculo que é apresentado para Escolas Públicas Estaduais?
- 5) O que você sente enquanto dança para crianças e adolescentes da rede pública?
- 6) Qual é a diferença de dançar em um teatro e em uma quadra ou pátio de escola?
- 7) Qual é o seu papel que você acredita representar para as crianças que o (a) assistem?
- 8) Quais são os pontos positivos de se realizar uma turnê para crianças? E os negativos?
- 9) O que você acredita ter ensinado às crianças? E o que você aprendeu com elas?
- 10) Você acha que o espetáculo “Alguém atrás de mim” é adequado para ser apresentado em escolas?
- 11) Você gostaria que uma publicação fosse feita para registrar a turnê?
- 12) O que você acha do Prêmio Cena Minas?

5.4 Roteiro de perguntas feitas ao coreógrafo Mário Nascimento

Nome:

Idade:

Profissão:

Data:

Horário:

Local:

Perguntas:

- 1) Como foi a sua formação na dança? Sua formação cultural?
- 2) Como você encontrou a dança?
- 3) Você assistia a espetáculos de dança quando criança?
- 4) Qual a importância do Premio Cena Minas que oferece uma possibilidade de levar a arte para quem não tem condição de frequentar teatros?
- 5) Você acredita que as crianças que assistirem a apresentação do espetáculo “Alguém atrás de mim”, de sua autoria, vão tomar gosto pela arte, pela dança?
- 6) Quando você criou o espetáculo “Alguém atrás de mim” você pensou que ele poderia se circular em escolas?
- 7) As professoras, às vezes, dão uma base, explicam para as crianças sobre o que o espetáculo vai falar. Você acha necessário?
- 8) Quando você pensa em criar uma coreografia aqui pra Viçosa qual é a diferença de criar para São Paulo?
- 9) O regionalismo interfere no processo de criação de uma coreografia?

5.5 Roteiro de perguntas feitas a Patrícia Lima, diretora geral do espetáculo

Nome:

Idade:

Profissão:

Data:

Horário:

Local:

Perguntas:

- 1) O Grupo Êxtase existe há quanto tempo?
- 2) Desde quando o grupo realiza turnês?
- 3) E quando começaram a visitar escolas?
- 4) Por que levar a dança para escolas públicas?
- 5) Como você se sente sendo uma das principais pessoas que fazem essa turnê acontecer?
- 6) Qual é o retorno para o grupo? E para você?
- 7) Quais são os pontos positivos de se realizar uma turnê em escolas? E os negativos?
- 8) Pretende continuar realizando esse trabalho?

5.6 Roteiro de perguntas feitas ao fotógrafo do grupo Reyner Araújo

Nome:

Idade:

Profissão:

Data:

Horário:

Local:

Perguntas:

- 1) Como e quando você começou a fotografar dança?
- 2) Há quanto tempo fotografa o grupo Êxtase?
- 3) O que você sente de ser o principal responsável por fazer com que os momentos do grupo fiquem registrados no tempo?
- 4) Você acredita que espetáculos de dança apresentados em escolas públicas contribuem para a formação de públicos para as artes?
- 5) O que você mais gosta de fotografar no espetáculo “Alguém atrás de mim”? Por quê?

5.7 Roteiro de perguntas feitas a produtora e ensaiadora do grupo, Ana Carol Camargo

Nome:

Idade:

Profissão:

Data:

Horário:

Local:

Perguntas:

- 1) Qual é a sua função no Grupo êxtase?
- 2) Como você se sente sendo uma das responsáveis por levar um espetáculo de dança a escolas públicas?
- 3) Você acredita que o grupo contribui para a formação de novos públicos para as artes?
- 4) Uma publicação com fotos da turnê contribuiria para o grupo? De que forma?

ANEXOS

3.1 Anexo 1 – Entrevistas

Nome: Alexandre Ferreira

Idade: 26 anos

Profissão: Bailarino formado pela Universidade Federal de Viçosa e integrante do Grupo Êxtase.

Data: 12 de agosto de 2009

Local: Núcleo de Arte e Dança

Fernanda: Como você começou a dançar?

Alexandre: Quando eu entrei no Curso de Dança da UFV.

Fernanda: Você que quis entrar, ou alguém te levou?

Alexandre: Não. Eu que quis. Eu sempre gostei, mas nunca tive oportunidade.

Fernanda: Você entrou no curso com quantos anos?

Alexandre: Com 21, eu acho.

Fernanda: Aí você entrou no Curso de Dança aqui em Viçosa?

Alexandre: Isso, em 2004.

Fernanda: Atualmente você pratica quais modalidades?

Alexandre: Balé e contemporâneo.

Fernanda: Tem interesse em praticar alguma outra?

Alexandre: Talvez jazz, só pra aprender mesmo.

Fernanda: Você participa do Êxtase há quanto tempo?

Alexandre: Do Êxtase? Eu acho que deve ter uns dois anos e meio, eu acho.

Fernanda: Sobre a turnê do “Alguém atrás de mim”. O que que você acha de participar de um espetáculo que é apresentado em escolas públicas?

Alexandre: Eu acho que é válido, mas é muito difícil.

Fernanda: Por quê?

Alexandre: Porque tem lugar que não tem estrutura necessária as vezes, sabe? Mas eu acho que é válido porque é bom a gente ta levando a dança pra essas crianças. A resposta deles é muito interessante. A euforia, eles acham que a agente é de outro mundo, pedem autógrafos acho muito legal a reação deles. Eles ficam todos entusiasmados dependendo do local, também, tem lugar que as crianças são muito mal educadas, não respeitam, mas muitos lugares que a gente foi muito bem recebido.

Fernanda: O que você sente quando você dança para essas crianças?

Alexandre: Dependendo do local eu, tem lugar que eu detesto, fica com muita raiva da reação de algumas crianças, sério. Por eles ficarem gritando, ficar xingando, ficar com

gracinha, atrapalhando, tem alguns lugares que as crianças fazem isso. Agora tem que lugar que eu me sinto bem, me dá vontade de tá dançando, me dá vontade de fazer expressão. E eu me sinto bem, de tá ali mostrando o que tá dançando pra eles e isso eu acho legal.

Fernanda: Você acha que se não fosse desse jeito eles iriam assistir a espetáculos de dança?

Alexandre: Não. Eu acho que não. Porque em muitos lugares não tem acesso. Lá na cidade não tem um teatro, ou um grupo que dance pra eles verem. É importante que eles conheçam o que tem lá fora, conheçam a realidade da arte e é legal eles terem contato com isso. Porque às vezes elas vêm na televisão, mas não tem oportunidade. É o meu caso eu sempre quis, mas nunca tive oportunidade.

Fernanda: Qual é o papel que você acredita desempenhar para as crianças no “Alguém atrás de mim”?

Alexandre: O que elas vêm em mim? A eu acho que é a neurose, o desespero, assim... eu tento mostrar isso. De estar com medo, de ter sempre alguém atrás de mim, me perseguindo.

Fernanda: Você consegue ver nessas crianças se elas estão entendendo?

Alexandre: Vejo, vejo. Eu tento interagir com elas, como se elas fossem o alvo, porque o tempo todo eu olho para elas, a reação é muito interessante, elas ficam pensando, “será que sou eu?” Fazem que vão avançar na gente. É muito legal.”

Fernanda: Essas entendem o propósito do espetáculo, mas você acha que todas entendem?

Alexandre: Ah eu acho que sim, mesmo porque antes é falado, né? Antes da gente dançar é explicado e na hora que a gente tá dançando, olhando pra trás acho que elas entendem, não é possível.

Fernanda: Você acha a temática pesada para crianças?

Alexandre: Um pouco. Dependendo da faixa etária eu acho que é. Se a criança for muito pequena eu acho que é. Tipo assim eu dançaria, se eu pudesse da faixa de nove anos pra cima. Às vezes a gente dança pra umas criancinhas, muito pequenas, não tem nada a ver, elas não entendem nada, eu acho que essas não entendem mesmo.

Fernanda: O que você acha do Prêmio “Cena Minas”, que se propõe a levar a dança para as escolas?

Alexandre: Eu acho ótimo. É importante existir porque é um incentivo para grupos iguais a gente, do interior, né que está procurando o seu espaço e através desse “Cena Minas” a gente consegue estar se mostrando pro resto das cidades, para outras pessoas.

Fernanda: Você acredita ter ensinado alguma coisa para as crianças na turnê? Você aprendeu alguma coisa com elas?

Alexandre: Ensinado? Olha eu acho que o que eu ou o grupo pode ter ensinado é que a dança faz a diferença, que a dança pode ajudar em muita coisa, que através da dança você pode estar se comunicando e a gente consegue se comunicar com as crianças nas escolas, elas entendem se a gente ter que contar uma historinha. Acho que é mais ou menos isso.

Fernanda: Você gostaria que uma publicação. Uma revista ou um livro fosse feito sobre a turnê?

Alexandre: Ah eu acho que sim, seria interessante para mostrar o nosso trabalho, porque acho que não existem muitos grupos que fazem o mesmo, mostrar que estamos conseguindo levar o nosso trabalho pra outras cidades, seria uma nova forma de comunicação.

Nome: Ana Carolina Matta Camargo

Idade: 29 anos

Profissão: Produtora, professora, assistente de direção, ensaiadora e bailarina do Grupo Êxtase

Data: 24 de agosto

Local: Núcleo de Arte e Dança

Fernanda: Como produtora você tem uma grande participação nas turnês dos espetáculos que são apresentados em escolas públicas. Como você se sente sendo uma das responsáveis por isso?

Ana Carol: Privilegiada é a palavra. Como o grupo está crescendo, se profissionalizando e a gente tem a intenção de crescer ir pras grandes cidades, ficar famoso como a companhia do Mário mesmo, o Corpo, a gente sabe que esse privilegio é muito particular nosso, né? Deve ter outros grupos menores que fazem isso. Mas levar pra essas crianças, pessoas que nunca viram é muito legal e ver que, como eu entro sempre em contato com professores diretores, ver assim o valor que eles dão pra isso, mesmo com toda dificuldade que a gente sabe que eles têm.

Fernanda: Então você acha que é importante?

Ana Carol: Muito importante. Quando o grupo já tiver conseguido seu lugar que ele não perca isso.

Fernanda: Por quê?

Ana Carol: Porque a cultura já é difícil no nosso país, quem tem condição já não tem tanto acesso, ou por falta de interesse, ou porque não sabe, por vários fatores. Agora essas crianças é porque não tem como mesmo, elas não tem como se achegarem a esse tipo de coisa.

Fernanda: Você acha que vocês estão contribuindo para a formação de novos públicos para a arte?

Ana Carol: Com certeza. E a gente vê isso, as crianças falando que querem dançar. A gente vê o olhar delas de admiração enquanto ta dançando. A gente vê que está despertando alguma coisa nelas.

Fernanda: Agora em relação ao “Alguém atrás de mim”, eu sei que você dançou o início da turnê. Você acha que é um tema pesado para crianças?

Ana Carol: Eu não acho que é pesado. A palavra não seria essa. Eu acho que é um tema atual, tanto que eles se identificam, faz parte do mundo deles, por serem crianças de periferia, eles sabem da violência eles sentem isso, só que eu acho que o “Alguém” é um espetáculo pesado pra qualquer público, porque quando a gente dançou no Centro de Vivência e tinham pessoas com melhores condições teve gente que não conseguiu assistir, então assim ele machuca de alguma forma o sentimento, ele perturba de alguma forma, mas eu acho que isso independe de ser criança ou adulto, ele é impactante pra qualquer pessoa.

Fernanda: Você acha que as crianças entendem o que o espetáculo quer dizer?

Ana Carol: Acho. Primeiro o Mário, a linguagem dele é uma linguagem fácil de ser lida, não que tenha que ter uma explicação antes, mas o “Alguém” em especial ele tem essa coisa de sempre ter algum atrás do outro então eu acho que isso facilita muito a compreensão, a música que instiga muito e os próprios bailarinos, com a expressão corporal, a expressão do rosto mesmo, eu acho que ajuda muito a entender.

Fernanda: Como é que é o retorno das escolas para vocês. Depois que vocês vão lá elas ligam pra cá, o que elas fazem?

Ana Carol: Geralmente, quando começou com a “Caravana” tinha um livro pra ler, então tinha um sentido. A gente mandava o livro, as crianças liam, ou os professores liam e eles discutiam e faziam trabalhos. Quando veio o “Alguém” que não tinha uma história, o que que a gente pensou, pontos do espetáculo, violência, mania de perseguição, coisas do cotidiano e os professores discutiam isso antes. Quando eu ligava pra pedir a apresentação, oferecendo a apresentação, a gente podia esse trabalho com as crianças antes, isso também era uma coisa que facilitava a compreensão deles sobre o espetáculo. Aí a gente ia, dançava, depois as escolas mandavam trabalhos feitos pelas crianças, sobre o que elas entenderam da discussão que foi feita, e eles mandam uma carta também pra Secretaria de Cultura, falando que a gente apresentou, agradecendo, mas tem escolas que são mais gratas do que outras. Você vê quando foi muito importante para uma escolas, que as crianças nunca tinham visto uma manifestação artística. A receptividade também é diferente veio a “Caravana” depois o “Alguém” foi muito mais fácil, “Um tom para todos nós”, caso a gente ganhe de novo, vai ser mais fácil ainda, porque eles já acostumaram, gostaram do nosso trabalho, respeitam.

Fernanda: E essa a formação de público, né? Devagarzinho você vai conseguir com que as crianças se interessem pela arte.

Ana Carol: Isso essa é a formação. Talvez elas não vão ter o dinheiro pra no Centro de Vivencia mas na escola eles vão ter.

Nome: Clara Cavalcante

Idade: 21 anos

Profissão: Bailarina e estudante do curso de dança da UFV

Data: 12 de agosto de 2009

Local: Núcleo de Arte e Dança

Fernanda: Como é que você começou a dançar, com quantos anos?

Clara: eu danço desde os seis, sete anos, comecei com balé clássico, lá em Valadares mesmo, Governador Valadares, aí comecei fazendo balé clássico da Royal.

Fernanda: Sua mãe te colocou?

Clara: Minha mãe me colocou, eu sempre quis muito fazer, só que na minha época era a partir dos seis sete anos, seis ou sete.

Fernanda: Quando pode você entrou?

Clara: É aí quando eu pude, eu entrei, eu ia pra nataçãõ e ficava vendo as meninas do balé e eu ficava loca, e assim que eu pude minha mãe me colocou.

Fernanda: Você ficou fazendo balé a vida toda?

Clara: Aí fiz Royal a vida toda, até quando eu vim pra cá.

Fernanda: Você quis fazer faculdade de dança?

Clara: Eu quis fazer faculdade de dança.

Fernanda: E a sua família aceitou de boa?

Clara: Quando eu falei pela primeira vez meu pai ficou meio assim, mas minha mãe deu uma dura nele e hoje ele não importa mais.

Fernanda: Quando você chegou em Viçosa?

Clara: Eu cheguei aqui em 2006.

Fernanda: Você já procurou o Núcleo de uma vez?

Clara: Aí eu já vim com a indicação, que a minha professora já conhecia a Patrícia e a Patrícia já sabia que eu estava chegando; aí vim direto pro Núcleo. E antes disso eu já fazia Jazz também. Antes de eu vir pra cá eu fazia balé e depois comecei fazer jazz, fiz uns três anos aí vim pra cá, fiz vestibular, passei.

Fernanda: Contemporâneo você começou aqui?

Clara: Aí contemporâneo eu comecei aqui mesmo, quando eu cheguei, eu cheguei em 2006, entrei aqui no Núcleo na metade de 2006.

Fernanda: Você fez aquela audição?

Clara: Cheguei a fazer a audição, mas obviamente não passei. Nunca tinha feito cubano, que pra mim era muito difícil, a dinâmica é muito outra, tinha acabado de chegar, contemporâneo eu desconhecia, tinha feito curso em Joinville, uma coisa muito restrita, era uma linguagem completamente diferente, muito distante da minha. Mas aí eu acompanho o grupo desde quando começaram, desde a “Caravana”, que eu acompanhei todos os estúdios, os estudos de caso, as montagens.

Fernanda: Você fazia aula?

Clara: Eu fazia aula com eles, preparação física, fazia tudo, mas não era do grupo, não dançava.

Fernanda: Qual foi o primeiro espetáculo que você dançou?

Clara: Foi a “Caravana”, na turnê.

Fernanda: Você participou do “Alguém”?

Clara: Eu não participei da montagem do “Alguém”, não. Em “Alguém” eu estava burocraticamente definida como estagiária, mas não participei da montagem, mas participei da turnê também.

Fernanda: Qual a diferença, entre as turnês do “Alguém” e da “Caravana”?

Clara: É engraçado. Eu tenho muito mais dificuldade pra dançar “Caravana” do que “Alguém”, pra mim o nível de exigência é muito maior não sei se é por condições cardiorrespiratórias, eu prefiro dançar “Alguém” a dançar “Caravana” em termos de facilidade, mas magia pras crianças é muito diferente, a receptividade do público é muito diferente. Mas foi muito interessante a “Caravana” era tudo muito novidade, eu tava muito fora de forma também, é uma série de fatores que pesa. E essa coisa de ser na escola, você perceber a reação de cada um.

Fernanda: O que você acha de participar de um espetáculo que é apresentado em escolas?

Clara: Acho extremamente importante, é de uma riqueza muito grande, primeiro que essas crianças, a maioria não tem contato nenhum, nunca viram nada de dança e quando viram muito pouco, conhecem a dança do Faustão, o balé clássico que às vezes passa na televisão, então perceber a reação deles e saber que pra gente, às vezes é tão pouco e pra eles é..., é uma responsabilidade muito grande eu acho, porque ou você é responsável por fazer aquelas crianças se apaixonarem pela dança, ou fazer com que elas percam todo o encanto que elas poderiam ter, por ser o primeiro contato. e ver o olhinho delas brilhando assim.. e ver o tanto que elas colocam a gente como se a gente fosse alguma coisa muito extraordinária, é muito enriquecedor, eu acho que é fundamental pro crescimento da gente como bailarino e essa coisa da formação do público mesmo, que é extremamente importante.

Fernanda: Você acredita que consegue mesmo formar público?

Clara: Acredito que é um começo, né? Ir em uma escola e dançar uma vez eu não acredito que isso os tornará um público assíduo de dança, mas é uma sementinha que a gente planta ali e aí se a pessoa gostar... entendeu? Mas eu acho que é muito importante, é assim que a coisa tem que ser, se todo mundo fizesse a gente ia ter uma cultura de tudo ser mais acessível às pessoas.

Fernanda: Qual é a diferença de dançar em um teatro e em uma quadra ou pátio de escola?

Clara: Num teatro normalmente vai quem quer quem já tem um conhecimento prévio, quem de alguma maneira já ouviu falar no nome do grupo, e já tem alguma noção do que é cultura do que é arte, quem tem dinheiro pra se locomover, pra ir e numa escola a gente atinge públicos que estão ali não necessariamente porque querem ver a gente e que dificilmente iriam ao um teatro, no caso das escolas que a gente frequenta. Aqui em Viçosa a realidade é um pouco melhor do que nas outras cidades, porque, por conta da Universidade existem muitos projetos que integram as crianças a Universidade e às produções artísticas, mas quando a gente vai em outras cidades sempre tem alguém que vem falar com a gente, nossa o

que eles tiveram aqui hoje eles nunca tiveram nenhuma outra vez na vida. Acho que a fundamental diferença é essa.

Fernanda: O que você sente quando você está dançando “Alguém atrás de mim”, no seu personagem, que você tem q fazer uma expressão séria, o que você sente quando você olha pra uma criança e ela está interagindo com você?

Clara: Pra mim é uma maravilha, eu me divirto, super, na verdade tem todos aqueles processos que a gente passa por laboratório, que a gente pensa na questão da perseguição, da violência, que você está sendo seguido, da tensão, das neuras, mas acho q como a gente ensaia muito e dança muitas vezes, com o tempo essas coisas se perdem, e quando a gente está tão perto do público, como é na escola, essas emoções vem a tona de novo, quando você vê no olhar do outro tudo aquilo que você está passando, e aí você vê as crianças muito tensas muito encolhidas, ou te encarando ou te imitando, mostrando uma coisa que você faz sem nem perceber, sabe, eu acho que uma das coisas mais gostosas que tem, porque rola uma troca mesmo, sabe? E o artista se apresenta é pra isso, né? A arte dele só se torna arte a partir do momento que se expõe que ele troca, e essa troca é muito evidente quando a aproximação do público é como é nas escolas ao contrário de um palco italiano que você se quer vê o rosto das pessoas que está ali te vendo, aí você sabe depois com um comentário por alguma coisa que alguma pessoa falou, mas a troca que a gente tem com as crianças na escola é uma troca muito direta, muito específica, sabe uma criança tá ali rindo pra você com um olhar arregalado de todo tamanho não tem como você passar despercebido por isso e aí você tem outras possibilidades, no palco a gente brinca com o amigo imaginário, no chão da escola a gente tem outras possibilidades de brincar diretamente com a criança.

Fernanda: Você acha que o tema é muito pesado pra ser apresentado em escolas?

Clara: Eu acho q assim, se você for pensar a violência... é um tema que não é fácil de ser trabalhado não pode ser dito de qualquer maneira, só que eu falo pelas minhas experiências de estágio, essas crianças tem uma maldade e uma experiência de vida que é muito vasta, sabe? E infelizmente esse cotidiano de violência, especificamente, no caso do “Alguém”, que é uma coisa que eles mais retratam, primeiramente que o espetáculo não é simplesmente solto, não a escola não fala ó crianças hoje vocês vão assentar que vai vir uma coisa aqui pra vocês, as professoras discutem, as crianças depois fazem desenhos, eles conversam sobre e a realidade deles muitas vezes, é muito próxima das questões que a gente lida, né? E eles estão acostumados, eu tenho alunos, por exemplo, que são estuprados todos os dias em casa e só não são quando estão na escola, que vêm a mãe apanhar do pai a todo momento, que vê o irmão morrer porque foi assassinado na frente dele, pai que queima o irmão. Então assim, é pesado? De certa maneira é, é complexo, que tem q ter cuidado ao se falar? tem, pra não ser uma apologia a violência e sim pra ser uma maneira de discutir e ao mesmo tempo eu acho q é uma coisa que faz parte da vida da maioria das pessoas, mesmo aquelas mais aburguesadas que não moram na periferia, que tem o privilégio de ir a um escola boa, não convivem com certos problemas mais graves, mas a todo momento a gente é assaltado, a gente anda nervoso, o pai está estressado porque tem muita coisa pra fazer. Então eu acho q dá forma que é uma coisa que não adianta, tem que ser discutido e não ha espaço melhor do que numa escola e pela arte.

Fernanda: Você julga representar um papel específico na cabecinha daquelas crianças?

Clara: Não sei se um papel, mas são vários os relatos de que: "ah você parecia um monstro! eu ficava com medo de você, eu odiava quando você olhava pra mim, me dava medo, eu me arrepiava!" Mas não um papel de um tipo específico, mas mais um estado mesmo de tensão de medo, de parecia que queria me pegar.

Fernanda: Até porque é mais ou menos isso, né? Não é um personagem?

Clara: Ao contrário de “Caravana”, né? Que tem um personagem e tudo....

Fernanda: O que você acha do prêmio “Cena Minas”? Que possibilita a vocês levarem o espetáculo a escolas?

Clara: Olha, eu sou um pouco ignorante, a respeito do Prêmio, se você vier me perguntar eu não sei te explicar muitas coisas, mas eu sei que é um prêmio de formação de público, que a gente ganhou na categoria formação de público, e eu acho que é essencial, né?, Primeiramente que o acesso a cultura deveria ser pra tudo mundo e que se não der pra ser de maneira natural e ideal, que seja pelos prêmios de incentivo, até porque os grupos precisam se manter de alguma maneira e fazer isso sem incentivo seria impossível então de alguma maneira a gente precisa se manter então que seja pelo prêmio.

Fernanda: Quais os pontos positivos e negativos da turnê?

Clara: Na verdade eu não sei se existem muitos pontos negativos eu acho que são mais pontos positivos, acho que esse contato com o público é fascinante, o fato de que a gente trabalha com formação de público no interior de Minas, aqui não tem nada, sabe? Nem é no leste de Minas, é na beradilha, em lugares que não tem nada mesmo, na zona da Mata, agente vai pra lugares que jamais viram outras coisas, é cansativo, a gente ganha pouco é mais aí não é uma coisa desse prêmio específico, é uma questão de luta de categoria, a gente tem q correr atrás de várias coisas, inclusive pelo premio, pra que seja melhor, é muito valido é muito importante, é um comecinho aí, é uma maneira de trabalhar de entrar em contato com as pessoas e sair um pouco da sala de aula, do que a gente acha, da gente perceber essas emoções das crianças, acho que são mais pontos positivos, a gente aprender a gostar a dançar em lugares que não são luxuosos nem glamorosos, que nem sempre vão receber a gente com a melhor das estruturas é aprender a lidar com essas dificuldades todas, e o dia que não tem um lanche ideal não tem uma acomodação ideal mas tem aquele público ali a entender qual que é o nosso papel, porque a gente faz isso.

Fernanda: Você acha que ensinou alguma coisa as crianças, através do espetáculo?

Clara: Acho que sim, não por mérito pessoal, acho q qualquer um que estivesse fazendo o que a gente faz acho q ensinaria. Eles vem e falam: “Ah como eu queria ser igual a vocês” eles vêem na gente uma figura de exemplo, né? Perguntam quantas vezes a gente ensaia por dia, o que vocês fazem pra chegar aqui, eu participo do projeto X, meu sonho é ser igual a vocês, então eu acho que a gente ensina sim.

Fernanda: O que você aprendeu com elas?

Clara: Eu aprendi tudo, muita coisa. Eu sou apaixonada por cada uma dessas crianças por cada um desses lugares, pela satisfação toda. Acho que eu aprendi a enxergar a dimensão que a gente tem pra cada um deles, que é uma dimensão muito maior q a gente nem imagina, o exemplo que a gente dá pra eles é muito mais forte, muito mais veemente do que a gente pode imaginar e eles me fazem sentir artista de verdade. É quando eu vejo o valor que eles dão pra gente que eu me sinto valorizada, que eu me valorizo, porque é muito fácil você dançar pra quem quer te ver e pra quem está ali querendo ver o que você vai apresentar, o difícil é você fazer uma pessoa que está ali pouco se lixando pro que alguém vai fazer e você conquistar essa pessoa?

Fernanda: O que você acha de ser feita uma publicação que conta a história da turnê?

Clara: Eu acho bárbaro primeiro porque, e por ser com foto, né? A gente tem muitas publicações, não dessa turnê, mas existem publicações escritas, mas é uma outra maneira de perceber as coisas, a fotografia, o sentimento a impressão que aquilo passa é completamente diferente pra quem está vendo mesmo aquela pub, possibilita percepções diferentes daquela do autor, quando você vai escrever muitas vezes é mais direto do que quando você coloca uma foto tem um olhar que é seu mas que possibilita, assim como a linguagem também, mas imagino que pela foto você consegue mais facilmente do que pela linguagem enxergar coisas além daquilo que está escrito. E pro grupo, pros bailarinos isso é uma coisa muito boa é uma divulgação do nosso trabalho, é um reconhecimento é uma maneira de reconhecer tudo aquilo que a gente está fazendo.

Nome: Cláudia Maria Machado

Profissão: Diretora do CAIC

Dia: 14 de abril de 2009

Local: CAIC – Ubá - MG

Fernanda: Cláudia, qual é a importância de trazer um espetáculo de dança, que geralmente é apresentado em teatros pra dentro da escola?

Cláudia: Olha, eu acho que tudo que você traz pra dentro da escola de positivo, só engrandece, primeiro que as crianças, a oportunidade que eles tem de ir a teatro é nenhuma, então essa oportunidade que vocês deram pra elas de vivenciar uma coisa totalmente diferente, foi muito gratificante.

Fernanda: Você acha que tem que ter mais vezes?

Cláudia: Com certeza, com certeza, eu acho que nossa clientela hoje, né? Eu não falo só aqui na nossa escola, mas nas escolas municipais, estaduais elas são carentes da cultura, elas não têm essa oportunidade, então o teatro vindo a escola é muito legal, muito.

Fernanda: Você acha que essas crianças, a partir desses estímulos de trazer a dança pra escola, vão se tornar futuros consumidores de arte?

Cláudia: Acredito que sim, porque a partir do momento que você vai vivenciando as coisas, você vai criando amor e estímulo por aquilo, então quem sabe quantos artistas naquele momento que foi finalizado ali, né? Que interagiu os artistas com as crianças, quem sabe dali nós não teremos novos artistas, algum grupo teatral que mais tarde poderão estar aqui apresentando?

Fernanda: Você acha que as crianças entenderam o que o espetáculo quis passar? Porque não tem linguagem verbal, é só o visual.

Cláudia: Eu até cheguei a comentar isso, falando o seguinte: as crianças pequeninhas tiveram um pouco de medo, porque não entendiam bem o que estava acontecendo, viam que estavam ali apresentando e tudo e elas não entenderam muito bem, da creche, mas depois, no final eu vi que na hora, elas foram pra lá, elas que começaram a dançar, então você ver que alguma coisa ficou. Agora os adolescentes amaram, porque tava tudo ali ligado, no final huuuuuu, não era a diretora falando assim pai eterno eu falei assim: gente, eles tão adorando, é lindo é a forma do jovem vibrar é colocar mesmo o seu sentimento expressando aquilo que ele assistiu, eu achei assim maravilhoso.

Fernanda: Trata da violência, você acha que é uma realidade pra eles?

Cláudia: Com certeza, é exatamente por isso, eles vivenciam essa violência dentro de casa, no bairro onde moram, sabe? Hoje você vivencia nas novelas, na televisão e ali foi mostrado assim de uma forma muito suave, né? A violência não com aquela brutalidade, mas foi como

uma forma, uma forma assim tão ... aqueles bonecos, marionetes, eu achei assim que foi suave demais com a música. Um aluno chegou perto de mim e falou assim: “Nossa Dona minha cabeça tá doendo, por causa do som, acho que o som tá muito alto”. Então nós fizemos sinal pra abaixar o som, abaixou o som, eu achei sensacional, eu achei muito bom, vou assistir agora a tarde, porque não assisti todo, porque eu fui chamada cinco vezes, pra poder vir resolver os problemas aqui, inclusive o Secretário de Educação do gabinete do Prefeito, mas agora a tarde eu quero assistir tudo, assistir de camarote. Mas eu achei sensacional, achei que a Aparecida foi assim muito feliz na escolha, volto a falar o que eu falei com ela, é uma pena não levar lá pra Sala Experimental porque eu acho que aquilo com um jogo de luz deve ficar um belíssimo espetáculo.

Nome: Cleison Lana
Idade: 21 anos
Profissão: bailarino do Grupo Êxtase
Data: 13 de agosto de 2009
Local: Núcleo Academia

Fernanda: Quando você começou a dançar?
Cleison: Em 2001.

Fernanda: Por quê?

Ah, porque eu vi uma apresentação de Jazz, um espetáculo chamado Vera Cruz, do Centro
Cleison: Experimental, aí eu achei legal aí surgiu uma vaga no colégio, do Projeto Tim Arteducação e eu entrei em 2001.

Fernanda: Você entrou logo na dança de rua?
Cleison: Entrei no Jazz com o Baêta.

Fernanda: E você descobriu a dança de rua quando?

Cleison: Quando eu entrei depois de seis meses eu fui fazer aula com o Carlinhos no Projeto e Carlinhos dava aula de dança de rua. Fiz aula com ele e com Érica, ela dava aula de contemporâneo.

Fernanda: Foi aí que você começou a dançar contemporâneo?
Cleison: Foi.

Fernanda: Você entrou para o Grupo Êxtase quando?
Cleison: Em 2006. Com a “Caravana da Ilusão.”

Fernanda: Entao hoje você faz ballet’, dança de rua e contemporâneo. Qual você mais gosta?
Cleison: Agora complicou... mas depois que eu entrei pro Grupo Êxtase eu comecei a gostar tanto da dança de rua quanto da dança contemporânea.

Fernanda: Por que você faz *ballet*? Acredita que é importante para sua formação como bailarino?
Cleison: Eu acredito que é importante, dá muita técnica, postura, deixa o movimento mais limpo.

Fernanda; O que você acha de se apresentar em escolas públicas?

Cleison: Acho importante, pra mostrar pra criança que muitas vezes não tem condição de ir num teatro. Igual como foi pra mim importante, sabe? Eu vi um espetáculo que foi apresentado em colégio, por isso que eu interessei em entrar. Pode acontecer com elas o mesmo que aconteceu comigo. Elas podem ver coisas novas, diferentes e gostar.

Fernanda: O que você sente quando você dança para as crianças das escolas?
Cleison: Felicidade de estar mostrando pra eles uma coisa nova, diferente.

Fernanda: Qual é o papel que você acredita representar pra essas crianças? O que você passa para elas?

Cleison: Um artista?

Fernanda: Você acredita que você conseguiu ensinar alguma coisa para as crianças com o espetáculo?

Cleison: Acredito.

Fernanda: as crianças conseguem entender a temática do espetáculo?

Cleison: Nem todas. Algumas até comentam comigo que deu pra passar essa angústia, a correria, mas teve algumas que gostaram da movimentação, da dança, que falam que foi legal.

Fernanda: Alguns não entendem, mas outros sim. Então vale a pena?

Cleison: Vale a pena, justamente por isso, porque alguns entendem realmente o que o espetáculo quer passar, esse negócio da angústia, mas outros entendem de outra forma. E não é errado, eu acho que é válido também entender de outra forma.

Fernanda: Você acha que o espetáculo é adequado para escolas?

Cleison: O “Alguém” eu acho que é muito pesado para colégios, a maquiagem, a correria... é pesado.

Fernanda: Você gostaria que uma revista, ou livro fosse feito mostrando fotos da turnê?

Cleison: Sim. Contribuiria muito pra valorizar o nosso trabalho.

Nome: Flávia Borsani

Idade: 23 anos

Profissão: Bailarina do Grupo Êxtase e bacharela em Dança pela Universidade Federal de Viçosa.

Data: 12 de agosto de 2009

Local: Núcleo de Arte e Dança

Fernanda: como você começou a dançar?

Flávia: Quando eu era pequenininha eu fazia natação, mas aí eu fiz uma cirurgia no nariz e no ouvido que eu tinha que ficar um ano sem nadar. Aí minha mãe me colocou numa escola que tinha lá que era um monte de coisa, mas não era nada, eu era muito novinha e não tinha trabalho de nada. Colocam uma música e falavam que era *ballet*, mas não era nada, aí eu comecei a dançar. Só que eu não gostava daquilo eu queria era nadar. Depois fiz natação, vôlei e na na nam... handball, futebol... e continuei nessas aulinhas. Só que não era nada até que eu Ribeiro Preto, aí minha mãe perguntou se eu não queria começar a fazer *ballet* lá. Aí eu fui pra Ribeirão, fiz a prova em Ribeirão e tudo, aí a professora falou com a minha mãe: “Elas nunca vão conseguir dançar não, mas se elas quiserem fazer pode fazer.” Aí a gente começou a fazer aula de ballet, eu fiz um ano nessa academia.

Fernanda: E isso aconteceu em que ano?

Flávia: Eu tinha 15 anos. Foi quando eu fui pra Ribeirão. Aí só sei que depois a minha mãe ficou sabendo que tinha um curso técnico em Dança, aí como ela é professora e tudo ela viu que era aprovado pelo MEC, ela disse pra eu fazer. Mas eu continuei na outra escola também, mesmo a mulher falando que eu nunca ia dançar, mas eu gostava de lá. Lá eu fazia um monte de coisa, sapateado, jazz, foi lá que eu comecei a saber o que era cada coisa, dar “nome aos bois”. Eu tinha quinze anos e pra mim aquilo tudo foi novidade, eu me encantei com tudo, com o *ballet*, então...

No curso técnico eu tinha aula de História da Dança, Anatomia, tive até Sinesiologia, História da Música, Dança Moderna, tive várias coisas que até então eu não conhecia, foi aí que eu comecei a dançar realmente, que eu tava vendo que tinha um fundamento técnico, teórico, prático, tudo, não é só ir lá colocar a música e dançar, então eu considero que eu não estudava, eu podia dançar, mas eu não estudava.

Fernanda: A partir daí que você quis fazer o Curso de Dança?

Flávia: Foi a partir do Curso Técnico que eu vi que tinha coisa pra estudar e eu achei super interessante. Aí eu fiz só até o segundo ano do Curso Técnico, não fiz o magistério porque eu passei no vestibular. Tenho o certificado de conclusão, só não tenho do magistério. Mas o diploma já supre essa necessidade. Eu vim pra cá e procurei o Núcleo, porque eu tava naquele gás. Cheguei aqui, em 2004, procurei o Núcleo e comecei a fazer, só que eu fiz um semestre e parei, porque eu queria também aproveitar um pouco da Universidade, porque eu tava deixando de fazer algumas coisas na Universidade pra ficar aqui. E até o primeiro festival que eu dancei foi Nápoli, aí tinha final de semana, tudo, aí eu não podia fazer um curso lá na Dança porque eu tinha que vir pro Núcleo. Ai fiquei um ano fazendo curso de extensão na Universidade. Nem assistir aos espetáculos do Núcleo eu ia, eu também tava com dificuldade de entrar no meio das pessoas do Núcleo. Eu sentia porque só veio eu e uma menina que chamava Ariquissara, e eu ainda era muito fraquinha, comecei só tinha dois anos, que eu aprendi a esticar um pé. Fui depois de um ano que eu fui colocar uma ponta, então pra mim tudo foi muito difícil. Depois de um ano e meio eu voltei, foi até a época do Quebra Nozes,

que eu conheci a Liu, aí a gente falou vamo voltar a fazer, aí tinha alguém que eu conhecia, que eu me dava bem, aí eu voltei.

Fernanda: Aí você já entrou pro Grupo Êxtase?

Flávia: Não tinha até então. Eu sei que a gente fazia algumas aulas de contemporâneo, em 2005, no Quebra Nozes teve greve e eu fiquei aqui porque eu queria dançar o Quebra Nozes e tudo, só que aula de contemporâneo mesmo que a gente tinha, a gente teve com o Silvio, algumas aulas, porque ele veio dar aula no Curso de Dança, o baeta que de vez em quando vinha. Mas começou mesmo quando teve a audição no final de 2006. Foi aí que eu acho que começou a história do contemporâneo mesmo.

Fernanda: Você participou das turnês de “Caravana” e de “Alguém”. O que aconteceu de mais diferente entre as duas turnês?

Flávia: Dos dois espetáculos já tem uma diferença muito grande no meu papel, na “Caravana” tinha os quatro personagens principais e eu acho que o envolvimento deles com o público é muito maior do que o nosso. Agora no “Alguém” não, já é todo mundo, é aquela euforia, aquele medo, aquela correria o tempo todo, não tem um mais outro menos e isso eu acho muito legal. Porque as crianças se envolvem com todo o espetáculo. Mesmo que a “Caravana” seja mais lúdica, tenha uma história, tenha um enredo, o “Alguém” não deixa de ser tão entendido por não ter, entendeu?

Fernanda: Essa era uma das perguntas, não tem uma história, não tem um enredo e as crianças entendem?

Flávia: Totalmente. Você pega pelas próprias cartinhas e os desenhos eles colocam alguém correndo atrás de você, dá a impressão de que eles estão com medo, medo do que? “A professora é que hoje em dia tem muito assalto, tem gente correndo atrás da gente, tem até mesmo o abuso sexual, tem tudo isso e isso é muito cotidiano para as crianças.

Fernanda: Então você acha que não tem problema apresentar esse espetáculo para crianças?

Flávia: Eu acho que não. Porque querendo ou não, se depois você for conversar com eles sobre o que está tratando o espetáculo, o que está acontecendo no mundo de hoje? Porque muitas vezes isso é tratado com outros olhares, de uma forma até mais abusiva, mas a gente não a gente ta apenas mostrando, não ta levando pro lado... não está exagerando. A gente está acostumado a ver muita violência e essas coisas, mas quase ninguém fala sobre isso. Tem muitas crianças que a violência está dentro de casa. E eles sabem disso e a gente acha que criança não sabe das coisas e eu acho que esse é o maior problema, a gente não querer falar com elas sobre coisas que elas vivem e vêem na televisão direto, ta muito mais presente do que a gente imagina. Por que não apresentar um espetáculo sobre esse tema? E fazer desse espetáculo uma reflexão. Será que eu quero isso pra mim mesmo? Ou por que será que está acontecendo isso?

Fernanda: Como você se sente sendo uma das pessoas que leva a dança a escolas públicas?

Flávia: Acho fascinante. Como a gente não tem um palco muitas vezes, o contato é muito direto, você vê os olhinhos brilhando, por mais que elas estejam com medo estão prestando atenção, aquilo ali é novo pra elas, pode ser que elas não estejam gostando, pode ser vibração, não sei o nome dessa sensação, mas é uma sensação muito gostosa.

Fernanda: Qual é a diferença de dançar em um teatro e em um pátio, ou quadra de escola?

Flávia: Começa pelo público, o alvo já é diferente. Mas por exemplo, quando a gente dança em palco, mas tem crianças eu já acho que diferente também do que quando você dança num palco, por exemplo, de um teatro em Juiz de Fora que foi aberto pra população em geral,

porque vai quem tem interesse. Mas quando são as crianças, elas são curiosas e isso motiva a gente. No teatro você apresenta pra um público que ta gostando que não ta gostando, agora criança ela já demonstra isso, elas são espontâneas, quando você ta na quadra você percebe isso, é direto, agora no palco ainda tem criança que grita alguma coisa que você escuta, mas o outro público é mais “bem educado”, que vai pra assistir gostou bate palma e vai embora. Ele pode ter sentido a mesma coisa que a criança, mas ele não vai demonstrar. Quando tem criança é três vezes melhor. Quando a gente dança pra adolescente não é a mesma coisa, eles já tem uma malícia.

Fernanda: Qual é o papel que você acredita representar para essas crianças?

Flávia: Acho que desde um sonho até um pesadelo, uma coisa muito irreal, na “Caravana” quando eu fiz a cigana eu tinha um personagem, então era real, eles sabiam que eu era aquela moça bonita, invade o imaginário da criança, agora no “Alguém” já é “ai eu to com medo dela”, é o imaginário. Sonho que eu falo é que tem muita criança que queria estar ali dançando.

Fernanda: Quais os pontos positivos e os negativos de se realizar uma turnê por escolas?

Flávia: O principal negativo, que eu acho que é uma dificuldade muito grande, é como a gente fazer com que aquela apresentação seja diferente a cada dia, porque vai caindo numa monotonia, apresentar a mesma coisa. Ah por mais assim, vamos apresentar em escolas, mas a gente já está apresentando em quantas escolas? Aquela chama tem uma hora que vai ficar a mesma coisa, porque a gente já acostumou, quando é novidade, muito melhor. Acho que essa é a principal dificuldade do grupo, porque acaba sendo tudo automático, mesmo as emoções. Agora os pontos positivos? Eu acho que vai desde a união do grupo, que fortalece, a gente aprende a ter uma melhor convivência com todas as pessoas, possibilidade de conhecer diversos lugares, possibilidade de estar testando algumas coisas, pensando em fazer alguma coisa diferente.

Fernanda: Porque no contemporâneo você pode testar, mesmo.

Flávia: Eu posso, eu estou aberta a isso. No contemporâneo não precisa ser uma apresentação igual a outra, eu posso ousar um pouquinho a mais, eu posso às vezes dar um estímulo pro meu colega e aquilo se transformar em alguma coisa surreal.

Fernanda: E no contemporâneo você pode interagir com o público, não é?

Flávia: Isso. E cada público tem uma reação, então aí é que está a diferença.

Fernanda: Isso interfere no seu jeito de dançar?

Flávia: Com certeza. Às vezes você exagera mais porque você ta lá fazendo a sua interpretação e vê que a criança está com medo, por exemplo, aí você vai pra cima dela e ela reage mais ainda. Depois de fazer outra coisa você volta pra criança. Então estou sempre procurando interagir.

Fernanda: O que você acha do Prêmio “Cena Minas”, que possibilita a vocês fazerem essa turnê?

Flávia: Prêmio “Cena Minas”? Eu tive conhecimento dele só depois que a gente participou, não tinha conhecimento antes disso. Mas eu acho que ele dá oportunidade para grupos menores, que estão trabalhando todos os dias, pra poder mostrar o trabalho deles. Mesmo que a gente pense, será que isso vai ajudar a formar um público? Sabe eu acho que essa é a questão, será que só uma apresentação de dança vai fazer..., pode ser que não, mas pode ser que vá despertar uma ou outra vontade de dançar. Acho muito relativo, formação de público,

é só por eles para assistirem? Eles tão colocando formação de público como só isso, mas eu acho que não, é muito mais profundo, tem que ter um questionamento com as crianças. “Isso te levou a alguma coisa?” Assistiu a esse espetáculo e ponto, acabou? Não, teve uma iniciativa na escola que a professora falou, criaram um grupo de dança na escola. É muito diferente, eu acho que é muito pontual, o prêmio, mas é um começo.

Fernanda: Você acha que o espetáculo é adequado para crianças? Não tem problema apresentá-lo para crianças pequenas?

Flávia: Não tem problema. Mas se você for pensar, "Caravana" e "Alguém", "Alguém" é muito pesado, é muito triste, só que é uma coisa presente na vida das crianças. Agora "Caravana" já é uma história, já mexe com o lúdico. Se a gente for ver a faixa etária, tem crianças que são muito novas, só que eu acho que quando a gente faz a interação com eles, acho que a gente também dispersa um pouco desse medo. Aí eles passam a ver a gente como artista, sabe? Elas dizem, "Ah eu dancei com ela!" e passa o medo.

Fernanda: O que você acha que aprendeu com as crianças?

Flávia: Com as crianças? Acho que a espontaneidade, acho que é o principal, e uma coisa que eu falo, a gente subestima muito a capacidade das crianças de entenderem. “Ah não vamos levar isso porque elas não vão entender”. Elas entendem. É só explicar, eu acho que é isso que eu estou aprendendo, não só dançando como dando aula, que se eu explicar que $A + B = C$, eles vão entender. Muita gente disse "Ah não vamos levar o "Alguém". Vamos levar o "Alguém" sim.

Fernanda: O que você acha de ser feita uma publicação que conta a história da turnê?

Flávia: Acho que vai contribuir com o Grupo, porque primeiro a gente vai estar começando a registrar a história do Grupo e eu acho que tem muito a crescer ainda. Cada ano que vai passando, hoje já não são os mesmos bailarinos e não vão ser no futuro. E o trabalho vai se diferenciando, eu acho que isso que é legal. A gente vê que da "Caravana", pro "Alguém" e para "Um tom", foi uma grande mudança, e eu acho que esse que vem agora da Rosinha vai ser mais ainda. Eu acho que só tá crescendo e eu acho que falta hoje no Brasil, material sobre dança, publicações sobre dança, mesmo que seja um arquivo histórico sobre um grupo de dança.

Nome: Kátia Vitalino

Idade: 25 anos

Profissão: bailarina do Grupo Êxtase e aluna do Curso de Dança da UFV

Data: 21 de agosto

Local: Núcleo de Arte e Dança

Fernanda: Você começou a dançar quando?

Kátia: Eu tinha treze anos. Foi no Projeto Tim, que na verdade hoje o nome é Tim, mas na época era Maxitel. E foi numa escola.

Fernanda: Qual era a escola?

Kátia: Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima, lá no Amoras. Porque eu moro lá, aí eu frequentava essa escola. Eu acho que eu tava na oitava série, ou sétima, não me lembro muito bem. Aí uma professora aqui do Núcleo foi dar aula lá no Projeto, ela gostou de mim e pediu que eu fizesse aula no Projeto e aqui na academia.

Fernanda: Você entrou no Êxtase quando?

Kátia: No Êxtase foi no meio do ano passado.

Fernanda: O seu primeiro espetáculo foi “Um tom para todos nós”. Mas você participou da turnê de “Alguém”?

Kátia: Isso. Quando montou “Um tom”, estava acontecendo a turnê de “Alguém” aí eu participei.

Fernanda: Como é que você se sente sendo uma das pessoas que leva a dança para ser apresentado em escolas?

Kátia: Em primeiro lugar, eu me sinto muito feliz porque é uma realização profissional. Porque é o que eu decidi fazer, dançar e por mostrar para as pessoas vários questionamentos que a gente pode fazer através do corpo, através da dança que deixa de ser pra gente simples movimentos, entendeu? E passa a ser um diálogo com o público e eu me sinto realizada dançando.

Fernanda: Você acha que as crianças entendem a temática do “Alguém atrás de Mim”?

Kátia: Sim porque elas mesmas mostram para gente através de desenhos, elas mostram que elas compreenderam o que a gente quis dizer com aquele espetáculo. Sem contar que a escola acaba trabalhando com os alunos a temática.

Fernanda: Você acha que é um tema pesado para crianças? Falar de violência, abuso sexual...

Kátia: Por um lado sim porque elas são crianças, mas por outro não, porque às vezes a gente tem dó, não sei se essa seria a palavra correta, de mostrar isso pras crianças, mas o mundo não tem dó da violência, eu acho que desde crianças elas tem que ser crianças questionadoras dessas coisas elas precisam pensar nisso, talvez devesse ser mais devagar com as crianças mas por mais q a gente tenha dó das crianças o mundo não tem dó. Acho que desde crianças elas já tem que ir crescendo conhecendo o lado bom e o ruim de todas as situações.

Fernanda: Já que você falou em lado bom e lado ruim, o que foi bom, positivo e o que foi negativo na turnê desse ano?

Kátia: De positivo eu confirmo mais uma vez que foi uma realização minha, de negativo eu não sei se teve. Eu tive que correr atrás de muita coisa, porque o Grupo já estava adiantado,

tive que me virar pra chegar aonde eles chegaram, mas isso pra mim também, é superação. Não vejo nada negativo para mim não, até hoje eu to feliz, gosto do que eu to fazendo.

Fernanda: Qual é a diferença de dançar em um teatro e em uma quadra ou pátio de escola?

Kátia: Eu não vejo diferença, porque eu gosto de dançar em qualquer lugar. É lógico que no palco tem aquela sensação né? Luzes e tal, tem outras coisas que dão brilho pra dança, mas eu dançar, fico a vontade em qualquer lugar, seja no palco, seja no chão, eu me sinto confortável em qualquer lugar.

Fernanda: Você acha que as crianças aprenderam alguma coisa com você?

Kátia: Sim. Elas mostram através das coisas que elas mandam pra gente.

Fernanda: E você acha que você aprendeu alguma coisa com as crianças?

Kátia: Eu sempre aprendo. Cada olhar das crianças pra você quando você está dançando você sente alguma coisa, no “Alguém atrás de mim”, por exemplo, às vezes, elas olhavam com medo, porque realmente era uma coreografia que dava medo, mas elas olhavam também com curiosidade, com vontade de falar, algumas crianças chegavam a falar: “nossa eu quero dançar como é que faz isso?” “como é que faz aquilo?” É um estímulo para elas, sempre é uma troca de conhecimento, você dá um pouco de você e recebe um pouco delas.

Fernanda: Você acha que o “Cena Minas”, que possibilitou a turnê de vocês, levando apresentações de dança a escolas, consegue formar públicos para arte?

Kátia: Acredito que sim, porque principalmente para pessoas que nunca tiveram acesso, nunca puderam assistir. Muitas vezes não são pessoas que não gostam de dança é que elas não tiveram oportunidade, eu posso dizer isso, até por um projeto que eu trabalho, através de questionário com criança a gente também percebe isso, que não é que elas não gostam, por exemplo, da dança contemporânea, ou do *ballet*, ou do jazz, mas o que é apresentado pra elas é só o que a mídia mostra, seja através de televisão, de jornal, elas só tem acesso ao que é midiático. Quando você apresenta outras coisas para elas estão vendo o outro lado. Não existe pessoa que não gosta existe pessoa que não teve oportunidade de conhecer.

Nome: Lidiane Jacinto

Idade: 23 anos

Profissão: Bailarina do Grupo Êxtase e estudante do Curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa.

Data: 06 de agosto de 2009

Local: Núcleo de Arte e Dança

Fernanda: Quando e como você começou a dançar?

Lidiane: Meu tio trabalha aqui no Núcleo, ele dá aula. Aí ele me trouxe, eu e a minha irmã, a gente começou no Projeto do Centro Experimental de Arte. Eu fiz um ou dois anos no Projeto e a Patrícia me deu uma bolsa pra fazer *ballet*. E aí eu estou até hoje.

Fernanda: Você entrou para o Êxtase quando?

Lidiane: Êxtase? Acho que foi quando eu dancei “Vivendo Portinari”, em 2003.

Fernanda: Você começou a fazer contemporâneo nessa época?

Lidiane: Foi. Foi meu primeiro contato com contemporâneo, com Henrique Talma e Renato Viera.

Fernanda: Qual a diferença entre as turnês de “Caravana” e de “Alguém”?

Lidiane: Eu acho que é um pouco assim na reação do público, né? Porque a "Caravana" é um espetáculo mais claro, de figurino mais colorido. Tinha o Tiago que tinha um personagem, o Rocco, que era bem engraçado, o olhar dele, então isso fazia com que a "Caravana" ficasse um pouco mais divertida, até por nós bailarinos, a forma com que tava nosso rosto, nossa emoção, nosso sentimento, a gente começou a rir mais, isso foi na turnê mesmo. Já o "Alguém" não, o "Alguém" ele tem uma seriedade muito grande, uma perseguição que realmente entrava na gente. Tinha um sentimento que entrava na gente, uma perseguição e ao mesmo tempo correndo atrás de alguém. Ao mesmo tempo em que a gente estava sendo perseguido a gente estava perseguindo. e eu acho que essa sim é a maior diferença, da reação do público em ver uma coisa assim mais divertida e eles sorrirem e brincarem com a gente e no "Alguém" não, está todo mundo sério, dão no máximo um gritinho, porque tem alguns movimentos que parecem ser mais picantes, no entanto é uma seriedade muito grande, tanto da gente, quanto das crianças que estão assistindo.

Fernanda: Você disse que eles ficam sérios assistindo, será que eles entendem o que vocês querem dizer?

Lidiane: Eu acho que entendem. Embora não seja muito difícil de entender pelo fato do nome ser "Alguém atrás de mim" e pelo fato da gente estar andando atrás do outro. Não sei se eles ligam um momento mais picante com a relação do abuso sexual, que isso é uma forma de perseguição, né? Mas eu acredito que na seriedade de cada criança, no olhar eles percebem a seriedade do movimento e que tem a perseguição como tema principal.

Fernanda: Qual é a importância de levar a dança até as escolas?

Lidiane: Completamente importante porque às vezes a gente chega numa escola, onde as crianças nunca tiveram contato com esse tipo de dança, que é a dança contemporânea, às vezes o *ballet* clássico, estão acostumados com o funk, com o hip hop e tal, mas aí quando a gente chega com o contemporâneo eles falam, “O que que é isso?” principalmente a técnica do Mário que é bem diferente, eles não acreditam, nunca tiveram contato e do mesmo jeito que alguns falam, “Nossa que dança horrível, que dança esquisita”, tem criança que fala,

“Nossa foi muito lindo, parabéns”, eles vem abraçam, pedem autógrafos e tal e gostam do trabalho e isso é muito importante, porque é uma forma de mostrar um outro mundo pra eles, não só o que tem na televisão que as vezes é pouco, não é rico, então assim um lado que a gente trabalha de arte que a gente gosta e mostrar pra eles que existe ou outro tipo de dança, diferente do que está na mídia.

Fernanda: O que você sente de ser uma das pessoas que leva a dança para escolas?

Lidiane: Nossa eu gosto muito. Todo final de espetáculo, quando a diretora vem agradecer, "Ah obrigada pelo grupo Êxtase estar aqui na escola..." Eu danço a chorar, nossa eu sinto um prazer muito grande de dançar para essas crianças.

Fernanda: Qual é a diferença de dançar em um teatro, ou em um pátio ou quadra de escola?

Lidiane: Ah não sei, quando eu danço para as crianças eu tento de todas as formas transmitir aquilo que eu estou sentindo, muito do que eu sinto. Agora dançar em um teatro sabendo que ali tem pessoas que sabem o que ela dança e tem uma formação maior eu já fico mais preocupada em mostrar a técnica do movimento, qualidade, além da sensação e do sentimento, mas ai é uma fusão. Embora com as crianças seja uma fusão mais simples eu tento mostrar além de tudo a técnica, eu não sei explicar é os dois, mas não com tanta preocupação. Mostrar aquilo tudo de um jeito mais simples, porque se eu mostrar de um jeito complicado elas não vão compreender.

Fernanda: Você acha que o "Alguém" é um espetáculo pesado para ser apresentado em escolas?

Lidiane: Ah o "Alguém" eu acho eu pouquinho, porque quando a gente encarna o personagem, e leva isso, a seriedade que a gente fecha a cara e tá sério o tempo todo eu acho que acaba ficando um tema um pouco pesado. Principalmente quando a criança é muito pequena. A gente já teve isso, lá em Ubá, de uma criança que começou a chorar no espetáculo.

Fernanda: Uma solução seria colocar uma faixa etária?

Lidiane: É não sei, acho que a partir de uns dez anos, sei lá...

Fernanda: O que você acha de prêmio como o "Cena Minas" que possibilitam essas turnês por escolas? O que você acha dessa iniciativa?

Lidiane: Eu acho o Prêmio super importante, tanto assim pros grupos que concorrem tanto para os favorecidos. Porque a partir do momento que a gente ganha o Prêmio "Cena Minas" a gente mais levando mais arte, tá favorecendo mais crianças, tá dando oportunidade, sabe? Então assim o Prêmio ajuda muito o grupo, dá uma elevada, sabe? Eu acho superimportante para o Grupo, mas mais ainda pras crianças, pras escolas, porque eles tão tendo a oportunidade de mais uma vez estar ganhando o espetáculo, de estar assistindo e tal.

Fernanda: Quais os pontos positivos e negativos da turnê?

Lidiane: Assim, acho que positivo é tudo, os pontos positivos são vários, estar dançando para as crianças é sempre bom e é uma conquista muito grande, embora seja interior, seja pra criança, seja na escola é uma experiência muito grande. Agora de negativo é a disponibilidade de horários, porque a gente estuda e tal, a gente se favorece por um lado e se prejudica por outro.

Fernanda: Você acha que você aprendeu alguma coisa com as crianças e com os adolescente, durante a turnê?

Lidiane: Nossa com certeza, aprendi muita coisa. Tanto que tem vez que a gente chegou em escolas muito pobres em que as crianças eram super educadas e as vezes, em escolas públicas também, mas você vê que a escola tem uma renda maior e que as crianças vem de famílias que tem um pouco mais de dinheiro e eles são crianças sem respeito nenhum pelo próximo. Então por aí você vê que dinheiro nem sempre é a chave de tudo. E a gente aprende o quanto o ser humano se interessa por coisas que ele não conhece, mas por não conhecer ele também desinteressa. Valeu muito a pena, aprendi muito.

Fernanda: Você gostaria que fosse feita uma publicação com fotos da turnê?

Lidiane: Nossa com certeza. Eu acho que ia mostrar pras pessoas que a arte não é só entretenimento. Muita gente enxerga assim, mas sim como uma forma de expressão, de vida, de oportunidade de mostrar pra quem não tem chance de ver aquilo, de que não tem chance de sair do interior e as fotos vão mostrar isso, as carinhas das crianças, o olhar de simplicidade assistindo iria representar isso muito bem.

Nome: Liu Moreira

Idade: 24 anos

Profissão: Bailarina, professora, bacharela e licenciada em Dança pela Universidade Federal de Viçosa

Data: 06 de agosto de 2009

Local: Núcleo de Arte de Dança – Viçosa – MG

Fernanda: Como você começou a dançar?

Liu: Eu comecei com sete anos de idade, minha mãe gostava muito de dança, nunca dançou, mas gostava muito e me levou pra Escola Municipal de Dança de Anápolis, Goiás, aí lá fiz o teste e passei, era uma escola municipal que não pagava pra fazer aula e uma das melhores da cidade.

Fernanda: Você fazia ballet?

Liu: Ballet clássico

Fernanda: E você continuou?

Liu: Aí eu fiz dos sete até os dezesseis em Anápolis, aí quando eu fiz dezessete eu mudei pra Palmas, Tocantins, aí lá eu comecei a fazer contemporâneo e jazz, foi quando eu comecei a dançar contemporâneo, que eu aprendi esse estilo, foi lá. Aí entrei pra uma companhia de dança contemporânea, companhia Corpo e Cia, aí fiquei lá segundo ano, terceiro ano e o primeiro ano de faculdade, que eu entrei pra Publicidade e Propaganda, né? Continuei fazendo aula nessa companhia, dançando contemporâneo. A gente criou vários espetáculos, alguns que eu fiz parte fomos dançar no SESC Pompéia, no evento chamado Amazônia BR. Aí depois resolvi trancar, comecei a dar aula de dança e descobri que aqui tinha faculdade de dança e resolvi fazer vestibular aqui, vim pra cá.

Fernanda: Quando você chegou aqui você já veio direto ao Núcleo?

Liu: Eu entrei no site, pra ver lugares que tinham dança pra eu poder fazer também, aí tinha o Núcleo, aí resolvi vir pra cá e desde 2005 eu to aqui.

Fernanda: E em 2006 teve a audição?

Liu: Em 2006 teve audição pro Grupo Êxtase, fiz a audição, passei e to até hoje. Participei de “Caravana”, “Alguém”, “Um tom” e “Eu de repente”.

Fernanda: Você participou de todas as turnês?

Liu: Estou desde o início dançando todos os espetáculos, participando de todas as turnês, de tudo, desde 2005.

Fernanda: Qual é a diferença entre as turnês dos espetáculos “Alguém atrás de mim” e “Caravana da Ilusão”?

Liu: Para mim a diferença é que “Alguém atrás de mim” é uma coreografia muito forte, muito pesada, eu acho que tem q ser levado isso pras escolas, essa questão da violência, desse lado ruim da violência, assalto, perseguição, de uma pessoa indo atrás da outra, que é uma coisa que acontece meso em todos os lugares, em todas as cidades, principalmente nas escolas públicas, onde às vezes a classe que estuda lá é um pouco mais baixa, então acontece isso no bairro deles, eles vivenciam isso então tem que se falar sobre isso. Só que eu acho que às vezes poderia ser direcionado para um público da escola mais velho, talvez com turmas mais velhas, primeiro, segundo e terceiro ano, talvez por aí. Acho que levar isso pra crianças muito

novas acaba que choca e elas acabam é ficando com medo da dança. E não é pra elas ficarem com medo de dançar, com medo da dança. A diferença de “Caravana”? “Caravana” é uma história, envolve teatro também é um livro, então quando a gente ia lá eles tinham lido o livro, então ler o livro é muito interessante, porque quando a gente chegava lá eles já sabiam quem eram os personagens, ficam procurando os personagens, é colorido, é um figurino do cotidiano, calça, blusa, saia, tênis, essas coisas, mas é mais colorido é mais leve, e eu acho que levar isso pras crianças mais novas 'bastante interessante, eles gostavam muito, desenhavam, faziam desenhos sobre a gente, escreviam sobre a gente e era uma coisa assim mais leve. Então pra mim, “Caravana” nas escolas foi mais absorvido pelas crianças, principalmente crianças mais novas do que “Alguém”. “Alguém” eu acho que devia ser direcionado para um público mais velho, mesmo sendo na escola mais para um público mais velho.

Fernanda: qual é a diferença de dançar no teatro e em uma escola?

Liu: No teatro a gente tem tudo a nossa disposição, né? O espaço é preparado para que ocorra uma apresentação de dança. Lógico que depende do teatro tem teatro que é menor, tem teatro que é maior, tem teatro que tem mais possibilidades de iluminação, têm outros que não. Mas no teatro o piso é preparado para que a gente dance ali, as pessoas que vão ao teatro elas vão assistir ao espetáculo se comportam de maneira diferente porque elas estão num ambiente nosso, um ambiente para espetáculo de dança de teatro, do que for. Quando a gente dança nas escolas a gente tem que se adaptar ao que a gente encontra, ou é um piso de uma quadra de esportes ou é um piso daqueles de quadradinho, pisos que não são todos niveladas, tamanhos de todos as formas, ou a gente tem uma quadra muito grande, ou a gente tem um pátio muito pequeno.

Fernanda: E você acha que vocês terem que se adaptar é uma coisa boa pro grupo?

Liu: Muito boa, muito boa, nossa hoje a gente tem um poder de adaptação que a gente não tinha nunca, eu não tinha. Pra mim eu pensava quando a gente dança no teatro a gente também ensaia no teatro, né? Mesmo quando a gente dança nas outras cidades a gente chega lá e a gente ensaia aí depois dança, então a gente sabe onde a gente vai dançar. Não é igual nas escolas, a gente chega, "ah a gente vai dançar é aqui?" então monta o linóleo, bota lá e a gente dança é aqui. Onde a gente nunca passou nenhuma vez a coreografia. Então, muitas vezes durante a coreografia a gente vai se adaptando, um lugar onde você dançava você não dança mais, você entra por trás de alguém, vai meio que pro ladinho, diagonal e na na nam, então assim, isso na hora da coreografia, então isso faz a gente pensar na dança, no que a gente tem que dançar, pensar no que a gente tem que passar com aquela dança a gente também tem que pensar como que aquilo vai acontecer naquele espaço naquela hora. Então assim, isso acho que pra todo mundo, ajudou muito, fez a gente pensar rápido, agir rápido e isso é bom, pra mim é maravilhoso. Uma das melhores coisas é isso, esse poder de adaptação também com relação a espaço e também com relação ao público que é totalmente diferente, mesmo que os alunos das escolas vão assistir a gente num teatro quando a gente vai no espaço deles eles se comportam de uma forma diferente, então a gente também tem que se adaptar a isso, né?

Fernanda: Por que eles se comportam de maneira diferente?

Liu: É que quando eles vão para o teatro não é o lugar deles. Muitos nunca foram a um teatro na vida. Então a gente já foi em algumas cidades que ao invés da gente ir na escola eles foram ao teatro, então ali eles se comportam de forma diferente. A professora fica mandando eles fazerem silencio o tempo todo, então eles ficam mais quietinhos, eles ficam na deles, não

participam, não se envolvem muito. Porque eles tã ali pra ver uma coisa nossa, num espaço que é nosso. Então eles se colocam de fora. Quando a gente vai no espaço deles, a gente tá invadindo o lugar deles então eles se comportam do jeito que eles querem, tem uns que acham bom, tem uns que acham ruim, conversam com a gente no meio da dança, aponta o dedo, pisca, bate palma, chora, sai, vai embora, eles se comportam do jeito que eles querem, eles estão no espaço deles. O que também é muito bom é muito bom, porque assim não é todo mundo que tem que gostar, não é todo mundo que tem que achar bom e essas pessoas não tem que reagir do jeito que a gente quer que elas reajam, quando a gente vai na escola a gente espera de tudo, tanto crianças chorando porque estão vendo a gente vestido de preto, com maquiagem preta assustadora, até gente que fica pasma, tanto crianças que riem, batem palmas querem vir pro meio, querem dançar e se não segurar elas vão atrás e vão dançar também, porque em “Caravana” acontecia muito isso, elas faziam muito isso, né? Invadiam, queriam dançar com a gente. Conversavam um com o outro, né? Ficam conversando o tempo todo, porque eles estão no ambiente deles, então isso é muito bom pra gente saber que assim, as pessoas reagem de maneira diferente, quando a gente vai no teatro por mais que ache bom ou ache ruim vai ficar lá até o final, mas não fala nada, se achou bom fica lá e n final te cumprimenta e pronto, né? Não invade a cena não faz tudo mudar e quando a gente ta na escola eles fazem muitas vezes a coreografia mudar. Às vezes, você caiu numa hora que não era pra cair e eles começar a rir e a dança não é engraçada e então você ri também, o que você vai fazer? A participação do público quando a gente ta dançando na escola engrandece muito o espetáculo, engrandece muito a gente como artista porque é muito diferente, é muito diferente e aqui o Grupo Êxtase, com certeza, mudou muito depois disso. A gente é muito mais maduro que muitos grupos por causa disso, porque muitos grupos não sabem conviver com isso, com o não gostar, com a interferência de outras pessoas, por mais que sejam crianças. Mas é muito importante pro grupo, muito interessante.

Fernanda: O que você sente de ser uma das pessoas que participa de um projeto que leva a dança a pessoas que geralmente não tem acesso?

Liu: Nossa eu me sinto privilegiada. É o mínimo, privilegiada. Porque muitas vezes, como a gente não sabe o que vai acontecer a gente chega lá nas primeiras apresentações e quando encerra a turnê de cada um dos espetáculos, né? A primeira apresentação na escola de “Caravana”, a última, a primeira de “Alguém”, a última, a gente chora, porque aquilo ali foi muito importante pra gente, muito importante, então me sinto assim privilegiada de experimentar tudo isso, todas essas sensações e muitas vezes estar machucada e ir dançar machucada porque aquilo ali é importante, precisa de você estar ali, então assim a gente assume uma responsabilidade muito grande, porque a gente ta lidando com pessoas leigas, né? Pessoas que muitas vezes nunca foram assistir apresentação nenhuma e a gente ta levando pra eles um pinginho, sei lá né? Uma gotinha que pode se transformar em muita coisa. Muitas vezes porque a gente foi lá e dançou eles foram na escola e procuraram, “Professora não tem alguém pra dar aula de dança pra gente?”, começaram a dançar e às vezes daqui a um tempo estão em uma companhia dançando também. Porque a gente abriu essa brechinha, então eu me sinto orgulhosa de fazer parte do grupo, privilegiada demais, porque não é qualquer pessoa que consegue passar por todas essas coisas. E passar por tudo isso juntos, desde o princípio, com a grande maioria, que são seis que estão desde o princípio, é muito gratificante, muito mesmo. Se algum dia eu for embora do grupo eu nunca vou esquecer tudo que passou porque fez a diferença pra mim, fez diferença pra eles também, pra cada um do grupo. Então assim, é uma coisa que modificou a vida de todo mundo.

Fernanda: O que você acha que você aprendeu se apresentando nas escolas? O que você aprendeu com as crianças? Com os adolescentes?

Liu: Eu aprendi que se tiver que rir tem que rir, que se for pra chorar tem que chorar. Porque eles são muito naturais, eles tão agindo como eles tão sentindo então se eles vêem que a gente ta dançando e a gente ta triste eles ficam tristes e eu fico mais triste ainda, porque aí eu assumo mais ainda o personagem, eu vejo o quanto aquilo ali ta sendo importante pra eles. Então eu aprendi que é isso, que a gente tem que ser mais natural em todos os momentos, tanto dentro do palco quanto fora do palco. Na minha vida, depois que eu comecei a dançar, assim, no grupo, fazendo as turnês, indo nas escolas, eu valorizei muito mais cada vez que eu dancei, sofri muito quando eu não pude dançar, quando eu machuquei a ponto de não poder dançar, então eu sofri muito de ver que outra pessoa estava no meu lugar e tava lá dançando. Então assim, pra mim, eu trouxe muito isso, essa coisa do ser natural, de chorar quando for pra chorar, de abraçar quando quiser abraçar, de estar junto do grupo, de levar o grupo, porque pra mim o mais importante é o ser coletivo. Porque quando vai um e dança, acho que não emociona tanto, não faz tanta diferença do que quando é o grupo inteiro chegando lá e dançando junto. Assumindo tudo que envolve o espetáculo, tudo que envolve a coreografia. Então quando o grupo ta unido, ta bem, a coreografia e muito melhor. Então é isso, ser verdadeira o tempo todo, aos extremos se tiver que ser e levar realmente isso pras crianças que faz muita diferença pra eles e que faz muita diferença pra mim, na minha vida.

Fernanda: Você acha que eles entendem o que o Alguém quer passar?

Liu: O Alguém? Eu acho que eles entendem assim... Porque na verdade a mensagem do Alguém não é tão difícil assim, o que que é alguém atrás de você? É algum que está te perseguindo, é a violência mesmo, é o medo, são coisas ruins que estão em volta de você e você ta correndo de tudo isso. Como é que você pode se salvar de tudo isso? Eu acho que eles entendem essa questão do medo. Como eles vêem que a gente ta bem assim fechado, com o rosto pintado de preto, também o quanto aquilo ali é pesado, eu acho que eles entendem coisas simples, né? O medo, a violência, a raiva, o medo de ter alguém atrás de você, as vezes quando você ta voltando da escola indo pra casa, tem alguém te perseguindo, tem alguém querendo fazer mal pra você e como é que você vai fazer?

Eu acho que no geral eles entendem isso, eles entendem é que o medo, que é o medo de alguma coisa ruim que pode estar atrás de você, seja ela violência, seja ela raiva, tudo, né?

Fernanda: Você acha que teve pontos negativos na turnê?

Liu: Eu acho um pouco que acho que isso de dançar pra crianças muito novas, porque daí elas não entendem que aquilo quer passar o medo que a gente vive no nosso dia-a-dia, entendem que aquilo é o medo, então elas ficam com medo da gente, então se elas ficam com medo da gente, elas não vão querer ver a gente dançando de novo, porque elas vão achar que a gente sempre vai fazer isso, sempre estar tudo de preto, que a gente vai correr atrás deles, vai um derrubar o outro, vai parecer que um ta machucando o outro, então dançar pra crianças muito novas não é tão legal por isso, porque aí acaba que elas assumem esse medo pra elas, o medo da gente, não o medo que a gente ta querendo dizer.

Fernanda: O que você acha de uma publicação de fotos ser feita sobre a turnê?

Liu: Do Alguém? Eu acho muito bom porque tudo relacionado que é relacionado ao acervo do grupo, seja relacionado a figurino, foto, vídeo, tudo é muito importante, então levar isso pra algo a mais é muito interessante, porque acaba que a gente tenta atingir todo mundo, mas

a gente não consegue, então é mais uma maneira de levar a nossa dança o nosso grupo, a nossa arte pra pessoas que às vezes não assistiram ainda ou pra aquelas que já assistiram, mas não perceberam algum detalhe que é capturado por uma fotografia e que às vezes nem a gente percebe é muito interessante, nesse sentido, porque eu acho que todo o trabalho que é feito relacionado a isso, a levar ainda mais o grupo pra outras pessoas, atingir um público maior ainda, todas as classes, de todos os níveis, de todos os setores também, universitários, pessoas da cidade, escolas, isso é muito interessante e muito importante, no futuro a gente com certeza vai querer ter tudo isso, ver tudo isso.

Nome: Mário Nascimento, bailarino e coreógrafo.

Local: CEE – Universidade Federal de Viçosa

Horário: 11 horas

Dia: 22 de março de 2009

Fernanda: Como foi a sua formação na dança? Sua formação cultural?

Mário: Olha, eu comecei na dança com 16 anos, eu era um jovem bem problemático, por questões familiares, acho inclusive que foi a dança que me colocou no rumo na vida, que me corrigiu problemas anteriores a minha entrada na dança, a dança foi fundamental na formação do meu caráter, na minha formação cultural, me sociabilizou, acho que a dança é um veículo de formação, não só na questão cultural, mas no auxílio do desenvolvimento dos jovens, principalmente dos jovens problemáticos, que era o meu caso.

Fernanda: Como você encontrou a dança?

Mário: Eu acho que foi muito por acaso, são coisas muito coincidência, de repente comecei a fazer dança por me achar um jovem muito ansioso, impaciente na maioria das vezes.

Fernanda: Mas você procurou sozinho?

Mário: Procurei sozinho, isso é uma questão até meio inexplicável, comecei a fazer dança, comecei com o *ballet* clássico, fui bailarino clássico, estudei muitos anos *ballet* clássico. E eu acho que foi fundamental. A dança foi fundamental na minha vida.

Fernanda: Você assistia a espetáculos de dança quando criança?

Mário: Não eu não assistia. A minha família não tinha costume de freqüentar, de consumir cultura, muito menos dança, foi uma coincidência na minha vida, uma coisa que aconteceu.

Fernanda: E hoje eles criaram o hábito?

Mário: Sim, criaram o hábito, acho que muito por minha causa e gostam muito do que eu faço, depois de um tempo passaram a apoiar bastante e hoje é um pessoal que curte muito.

Fernanda: Qual a importância do Premio “Cena Minas” que oferece uma possibilidade de levar a arte para quem não tem muita condição?

Mário: A importância desse prêmio é a possibilidade de levar a cultura e a arte pra lugares que normalmente as pessoas não teriam acesso e acho que fora dos grandes centros a arte é relegada a segundo e terceiro plano e a possibilidade que o povo tem de consumir a arte, consumir a cultura é muito pequena, não é uma coisa comum, não é a sobrevivência. E temos que saber lógico, que a arte, propriamente a dança é um veículo agregador, um veículo que traz uma maior facilidade de comunicação, também de convivência, é um veículo que pode ajudar em muitas questões sociais, não só de inclusão de jovens, mas na questão familiar, em questões mais simples, na boa convivência entre as pessoas. E eu acho que a importância disso é possibilitar levar a arte, levar a dança em lugares que as pessoas não conseguiriam ver nada.

Fernanda: Você acredita que essas crianças vão tomar gosto pela arte, pela dança?

Mário: Ah sim, eu acho que a arte tem esse poder, o poder de convencer as pessoas. Se você acostuma a criança desde cedo, por exemplo, a escutar música clássica com certeza ela vai educar o ouvido ela vai sentir mais facilidade de usufruir da música clássica do que um adulto que nunca ouviu, é uma questão até científica se você acostuma a criança logo cedo com coisas boas, logo cedo ela vai também aprender a gostar dessas coisas, se você possibilita a

criança logo nos seus primeiros anos a cultura, certamente ela vai passar o resto da sua vida, no seu crescimento, consumindo cultura e vendo a arte. Quanto antes melhor.

Fernanda: Quando você criou o espetáculo “Alguém atrás de mim” você pensou que ele poderia se circular em escolas?

Mário: Não, já é uma coisa natural do meu trabalho que eles possam circular em um palco italiano, ou uma arena, ou numa quadra de esportes ou num ginásio, já é natural dos meus trabalhos que eles possam ser apresentados em qualquer lugar sem a parafernália do teatro.

Fernanda: Diante do questionamento de que o espetáculo é muito pesado pra ser apresentado em escolas. Qual a sua visão é importante levar essa realidade ou temos que privá-los dessas coisas muito fortes?

Mário: Não acho que tem que privar não. A arte é o retrato da realidade, das coisas que acontecem. Talvez essas crianças vão encarar o mundo com mais naturalidade, elas não vão se chocar muito, porque talvez a arte já previne alguns acontecimentos, algumas coisas que já são comuns a nossa vida como a violência e a total falta de tempo. A arte não tem só a intenção de levar entretenimento, mas de levar uma forma das pessoas estimularem um pensamento, estimularem a observação do mundo e das coisas ao seu redor. Acho que a arte também serve pra isso.

Fernanda: As professoras às vezes dão uma base, explicam para as crianças sobre o que o espetáculo vai falar. Você acha necessário?

Mário: Acho que é uma coisa que não tem necessidade. Acho que a arte não precisa dessa necessidade. A arte é uma coisa que as pessoas captam, mesmo sendo crianças. Eu não gosto de falar do trabalho antes, eu não gosto de falar depois, eu gosto de levar as coisas. Mas tb não é um conceito fechado. Acho que se tiver essa possibilidade de explicar de falar um pouco também é válido.

Fernanda: Quando você pensa em criar uma coreografia aqui pra Viçosa qual é a diferença de criar para São Paulo?

Mário: Não tem diferença, o trabalho é sempre um trabalho, independe de quem vai ver, independe de com quem vc está trabalhando, eu trabalho desde bailarinos que tem uma carreira de 40 anos até bailarinos que estão começando. A minha função é criar os trabalhos. Eu me sinto muito a vontade quando estou trabalhando em qualquer lugar.

Fernanda: E o regionalismo não interfere?

Mário: O regionalismo não interfere, todos os lugares são lugares, eu faço trabalhos para o mundo. Independe daquele lugar e daquela região que eu estou. Com certeza a gente sofre influencias daquele lugar daqueles bailarinos. Mas eu não tenho preferências.

Nome: PV Carvalho

Idade: 22 anos

Profissão: Produtor, estudante do Curso de Dança da UFV e bailarino do Grupo Êxtase

Data: 06 de agosto de 2009

Local: Núcleo de Arte e Dança

Fernanda: Como e quando você começou a dançar?

PV: Eu comecei a dançar no terceiro ano do ensino médio, já né? Em 2005, comecei a fazer balé, quando uma amiga minha me convidou, eu tinha duas grandes amigas que faziam balé na academia de lá, que eram do mesmo grupo de jovens que eu, do mesmo bairro, escola, elas faziam balé desde criança e eu gostava muito eu ia assistir. Aí elas me convidaram, falaram já que você gosta vai lá. Aí eu fui um dia, assisti a um vídeo de dança com eles. A professora tinha marcado um dia de apreciação e ela disse que podia levar quem quisesse, aí elas me levaram e eu assisti o vídeo com elas, foi até Dom Quixote. Aí a gente assistiu, aí depois do vídeo eu conversei com a professora para ver como é que era o esquema da academia, aí ela disse que rapaz tinha bolsa, que eu podia ir fazer aula, aí ela disse pra eu ir na aula de iniciante, dia tal, tal e tal. Aí eu comecei a dançar e não parei mais.

Fernanda: Você começou no balé?

PV: Eu comecei no balé em 2005 e isso contribui para eu resolver fazer o Curso de Dança que até então eu ia fazer arquitetura, aí resolvi fazer vestibular pra Dança, aí prestei aqui em Viçosa e no Rio, passei aqui e vim pra cá. Aí aqui eu continuei aí aqui é que eu conheci outras técnicas, como o contemporâneo, a dança de rua, dança de salão. Apreciação, assistir eu já tinha assistido lá, no Rio, concursos, Passo de Arte, na na nam, então conhecer eu já conhecia, já tinha visto, pelo menos.

Fernanda: Atualmente você faz quais modalidades?

PV: Balé e contemporâneo.

Fernanda: Há quanto tempo você participa do Êxtase?

PV: Então, eu acho que eu sou o mais problemático do Êxtase. Eu fiz audição, aí na segunda fase eu desisti para ir embora pra casa de férias. Aí eu desisti abandonei, fui pra casa, fui embora. Aí não entrei na primeira formação. A minha vaga estava garantida, só que eu queria ir embora, não queria ficar de férias aqui. Mas fui embora. Aí voltei, aí quando começou as aulas de novo eu não tive interesse não. Isso foi no segundo semestre de 2006. Em 2007 que eu fui começar a ter interesse de verdade, aí eu entrei no incincho de 2007 como estagiário. Fazia aula junto com eles, quando o Mário vinha, eu acompanhava, acompanhei a montagem de “Alguém atrás de mim” desde o início, mas não dançava. Aí nesse primeiro semestre de 2007 eu fiquei muito num vai e volta, aí eu vim e ficava, ia na aula do Mário, aí tinha fora na faculdade, alguma coisa assim, aí como o vínculo e a minha obrigatoriedade não era tão grande como de todo mundo, eu acabava faltando mais aí acabava saindo e voltando de novo. O Mário mesmo brincava comigo, ele ficava assim né, oi tipo resolve, né? Aí até que no meio do semestre de 2007 que eu realmente me estabilizei, sem faltar, com compromisso, com tudo direitinho, com preparação física...

Fernanda: Por que você resolveu ficar de vez? Ou não foi você quem decidiu?

PV: Não eu acho que era meio preguiça sabe, assim? É porque assim, como eu não tinha vínculo, responsabilidade tão grande, eu não tinha esse compromisso eu ia levando, até o dia que isso meio que me fosse imposto. Não foi necessário, isso não aconteceu, ela não precisou chegar pra mim e falar assim olha, então ta, você assim um contrato aqui pra você parar de

faltar. Foi mais da minha parte mesmo, sabe? Mas foi natural, eu acho que foi assim orgânico, aconteceu, acho que amadureci, sei lá.

Fernanda: E o primeiro espetáculo que você participou foi “Alguém atrás de mim”?

PV: Não. Eu participei da montagem, mas eu não dancei.

Fernanda: E depois você dançou o que?

PV: A primeira coisa que eu dancei foi “Caravana”, porque estava na turnê. Aí depois eu dancei a turnê de “Alguém” inteira. Aí como bailarino mesmo, com contrato foi só “Um tom”. Mas desde 2007 quando “Alguém” estreou, eu já era do grupo, só que eu não dançava. Logo depois da estréia, duas semanas depois tinha uma apresentação de “Alguém” numa cidadezinha aqui perto e a Flora, como era bailarina principal do balé, ela estava com dor na coluna aí a Patrícia quis poupar ela e eu já dancei no lugar dela.

Fernanda: O que você acha de participar de um espetáculo que é apresentado para crianças em escolas públicas?

PV: Ótimo. Pelo simples fato de que se fosse eu, quando eu estudava em escola pública, eu ia amar, eu ia adorar, ia me fazer muito bem, enquanto pessoa, culturalmente falando, enquanto cidadão. É muito importante, para a formação de cidadão, que ele tenha acesso a cultura para que no futuro eles se tornem pessoas mais abertas a dialogar, não necessariamente a respeito de um assunto cultural, de dança ou de artes cênicas, mas mesmo de política. Eu acredito que a cultura, a arte, abre a mente das pessoas, as deixa com mais capacidade para ouvir e receber informações, opiniões e propostas.

Fernanda: O que você sente quando está dançando para essas crianças?

PV: É muita coisa, às vezes, sabe? Tem apresentação que nem tanto, tem apresentação que a gente faz que é mais tranquila, que é uma coisa assim, não sei dizer o porque mas acaba é menor o turbilhão de sentimento. Porque tem vez que mistura tudo em uma coisa só, porque pra cada criança que você olha, ela tá fazendo uma expressão diferente, então aquilo te faz ter uma reação também, querendo ou não, as vezes você tá super sério, com uma expressão, “Alguém atrás de mim” e você olha para uma criança e ela tá rachando de rir, sabe? Aí não tem como o seu semblante não mudar, porque aquilo é lindo de se ver. E eu, às vezes, quando isso acontece, tenho medo de quando a criança tá rachando de rir de ir muito assim e ela se inibir e parar de demonstrar o que ela está sentindo, sabe? Então eu gosto de embarcar um pouquinho que seja no sentimento dela, então por isso, às vezes a maior inconstância de sentimento durante a apresentação, para que elas não se inibam e coloque pra fora mesmo tudo que ela tá sentindo naquela hora, sabe? O que eu acho muito legal. Igual quando elas tão com medo, aí eu brinco que é pra ficar com medo mesmo. Aí elas riem, aí eu dou uma amenizada pra elas verem que eu não vou pegar elas de verdade, que é só uma brincadeira, que é só uma encenação, uma apresentação. Então assim, é muita coisa que a gente sente, é euforia, alegria, felicidade, raiva, tristeza, eu entro na onda delas e deixo o sentimento vir a partir das crianças.

Fernanda: Você acha que todas as crianças entendem o que o espetáculo quer dizer?

PV: Nem todas entendem. Todas vêem alguma coisa naquilo ali, não necessariamente entendem da maneira correta, mas alguma coisa elas entendem.

Fernanda: Você acha que existe algum problema nisso?

PV: Nenhum.

Fernanda: Qual é a diferença de dançar em um teatro e em uma quadra ou pátio de escola?

PV: Eu não vou mentir que quando é num teatro, num palco, o coração bate muito mais forte, o friozinho na barriga é mais intenso, e isso é uma diferença bem grande, mas em termos de realização é a mesma coisa. O que importa é dança, levar cultura, é estar atuando com saúde, graças a Deus, sem lesões, naquilo que eu gosto de fazer. Então acaba que é no nervosismo que eu acho que é maior sabe?

Fernanda: O que você acha do Premio “Cena Minas” que possibilita a vocês levarem a dança para escolas públicas?

PV: Eu acho muito interessante. É necessário. Não adianta qualquer área, a gente precisa de algo que nos leve a continuar e o premio ele meio que dá isso pra gente, dá uma resposta de que o trabalho está sendo bom, então a gente pode continuar que estamos indo no caminho certo.

Fernanda: Você já falou vários pontos positivos, tem pontos negativos em se apresentar nas escolas?

PV: Olha, não sei, tem algumas coisas que eu vejo que não sei se é negativo, mas eu acho que poderia acontecer de outra maneira, em questão de organização, de como as coisas acontecem. As vezes podia tentar juntar mais crianças, quando a gente vai dançar em outras cidades, por exemplo, acredito que seria interessante fazer eventos maiores, pra valorizar também o nosso trabalho, já que é uma coisa que a Secretaria de Cultura faz, ela poderia ta mobilizando mais pessoas, levando mais crianças de diferentes escolas, abrindo para outras pessoas talvez, pra cidade, não sei crescer.

Fernanda: Você acredita ter ensinado alguma coisa para essas crianças?

PV: ah pode ser né? Eu espero que sim.

Fernanda: Você aprendeu alguma coisa com elas?

PV: Ai aprendi. Eu era bem mais estrelinha, antes de dançar pras crianças nas escolas, nunca fui nojento, mas eu me via um bailarino, na na nam, estou me profissionalizando.. e eu aprendi a ter mais humildade, mais amor, mais garra, mais amor aquilo que eu faço e não importa onde, nem pra quem eu esteja dançando, o que importa é que eu esteja dançando pra mim e pra minha felicidade e pra minha realização, eu acho que isso foi o básico, o mais marcante.

Fernanda: Você acha que o espetáculo “Alguém atrás de mim” é adequado pra crianças?

PV: Não totalmente. Porque eu acho que ele é muito complexo. O problema não é ele ser denso, eu não acho que o fato da gente ta todo mundo de preto, com a boca pintada, com o olho pintado e correndo igual a um maluco isso não seja para crianças, depende de como as coisas são colocadas, só que eu acho ele muito grande e complexo em movimentação pra criança, ele poderia ser mais encenado como foi a “Caravana”, na verdade não é que ele deveria ser mais encenado é que pra criança pede um pouco mais de encenação e que ele fosse menor também, porque criança quarenta e cinco minutos não vai conseguir ficar atento e idealizar início, meio e fim.

Fernanda: O que você acha de uma publicação ser feita retratando a turnê?

PV: Acho muito interessante, porque seria a valorização do nosso trabalho, e sinal de que alguém se interessou por ele, e levar pra outras pessoas, divulgar mais o nome do grupo, só vai fazer cresce

Nome: Patrícia Lima

Profissão: Gerente geral do Núcleo de Arte e Dança e diretora geral do espetáculo “Alguém atrás de mim”

Data: 13 de outubro de 2009

Local: Núcleo de Arte e Dança

Fernanda: Há quanto tempo o Grupo Êxtase existe?

Patrícia: O Grupo Êxtase existe de forma amadora desde 1985, embora temos realizado espetáculos de forma profissional, foi um trabalho amador, porque ninguém recebia pelo trabalho. E como grupo profissional ele está atuando desde 2005, ano que vem faz cinco anos, será o quinto trabalho.

Fernanda: Desde quando o Grupo realiza turnês?

Patrícia: Desde a sua existência.

Fernanda: E quando começou a fazer turnê em escolas?

Patrícia: Em escolas foi a partir do Prêmio “Cena Minas”, que deu essa oportunidade da gente chegar mais nas escolas mesmo. No nosso Projeto original do grupo Êxtase existe o objetivo de circular em pequenas cidades da região e isso também nos aproximou muito de escolas, porque nas pequenas cidades não tem um público muito capaz de você juntar, se não for, principalmente, através das escolas. Então a gente tem trabalhado com escolas tem praticamente cinco anos, desde o início do Grupo e de seu projeto profissional, nessa circulação nas cidades vizinhas.

Fernanda: Você acha importante levar a dança para as escolas?

Patrícia: Eu acho impressionante, além de importante. Porque quando a gente fez esse projeto a gente não sabia o que íamos encontrar, foi um desafio que a gente se propôs a realizar. E isso, a cada vez nos motivou mais porque a gente vê uma resposta muito positiva, além da nossa expectativa, de reciprocidade com a arte, com a dança contemporânea que é tão diferente do comum, da vida deles e foi impressionante o carinho que a gente foi recebido, em todos os lugares, a grande quantidade de público que a gente alcançou, em cinco anos, são quase quarenta mil pessoas, muitas delas de escolas. Então a gente está conseguindo alcançar nosso principal objetivo que é levar a arte a quem não tem acesso. E isso com as escolas então, foi fundamental, para que esse sucesso ocorresse.

Fernanda: Como é que você sente sendo uma das principais responsáveis por isso?

Patrícia: Eu sinto mais uma realização de um sonho que eu tinha de conseguir formar um grupo profissional, hoje já somos dois grupos profissionais e eu acho que a coisa está começando na verdade, tem muita coisa por vir ainda. E não deixa de ser uma satisfação pessoal muito grande desde que eu comecei a trabalhar com dança e não foi fácil implantar em Viçosa, com todas as dificuldades de iniciar sem ser conhecida e tudo. Então toda essa recepção que a gente tá tendo, em todos os lugares, na Prefeitura, Secretaria de Cultura, nas escolas, população em geral, senhoras, às vezes do folclore que às vezes vem assistir a dança contemporânea, isso é o maior prêmio da vida.

Fernanda: Qual que é o retorno para o Grupo, de fazer essas apresentações?

Patrícia: O Grupo pode amadurecer, tem sido importante essas turnês, tanto do “Cena Minas” quanto do Projeto porque traz uma bagagem profissional para eles, que é para sempre. E esse amadurecimento principalmente, acelerou esse amadurecimento. Se a gente tivesse numa capital só fazendo em teatros provavelmente isso estaria muito mais longe, porque eles tem o desafio de dançar nos lugares mais inacreditáveis, só não dançamos em terra batida, mas o resto todo o Grupo dançou e isso traz um história de vida, além da profissionalização ficar mais incorporada como pessoa mesmo.

Fernanda: Quais são os pontos positivos e negativos em relação a turnê?

Patrícia: Positivo é a proximidade com o público, você tem um contato que às vezes no teatro, o próprio espaço já separa o palco da platéia e você sentir de pertinho essas sensações, essas reações do público é emocionante, muitas das vezes eu fico assim assistindo o público, enquanto eles assistem ao espetáculo. Me emocionei várias vezes com isso, isso leva a gente pra frente também. Negativo? Eu sou tão positiva que eu não consigo ver muita coisa negativa, mas deixa eu pensar aqui o que poderia ser negativo...

Negativo é a dificuldade do Brasil mesmo, da valorização da cultura. Teve algumas poucas escolas em que mandaram os alunos para o pátio nos assistir e os professores não estavam presentes, eles se separaram dos alunos como se fosse uma coisa menor, a cultura, a arte... Eu acho que a gente ver isso é uma coisa negativa, que ainda existe isso. Mas a grande maioria foi muito positiva, participativa, professores querendo aproveitar desse momento de cultura para que sua aula fique mais rica, professores de matemática, de física, de português, literatura... Isso que eu sei de negativo.

Fernanda: Pretende continuar realizando turnês por escolas?

Patrícia: Espero que a gente ganhe outros prêmios porque é fundamental que a gente tenha o apoio financeiro para realizar isso, embora não parece, os gastos são grandes, nenhuma escola tem som apropriado, nós tivemos que locar praticamente todos os sons, o transporte para os bailarinos, por vezes o lanche, tem escolas que não podia nos dar lanche, fora o desgaste de figurino, linóleo, fita e outros profissionais que se envolvem com o projeto como um todo. Então tem que ter um apoio de um premio para a gente poder, embora a gente ganhe muito pouco ou quase nada, vale a pena, por todos esses motivos que eu falei antes, por a gente estar profissionalizando. E é muito apaixonante, depois que você começa é difícil parar.

Nome: Paulo César da Silva

Idade: 24 anos

Profissão: Bailarino, estudante do Curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa

Data: 06 de agosto de 2009

Local: Núcleo de Arte de Dança – Viçosa – MG

Fernanda: Paulo, como você começou a dançar?

Paulo: Meu primeiro contato com a dança foi aos 15 anos dentro de um projeto social e religioso. Então todo o meu início de base em dança está relacionado a religião, espírita no caso, e trabalho social. A partir daí fui tomando contato com a dança, com o ballet clássico, com a expressão corporal, com teatro, com a música e a partir daí eu parti pra mim, busquei academias, escolas de dança até me decidir pela faculdade de Dança e entrar em contato com o Núcleo de Arte e Dança.

Fernanda: Você chegou aqui em Viçosa em 2006?

Paulo: em 2006, com 21 anos

Fernanda: Você procurou o Núcleo logo que chegou aqui em Viçosa?

Paulo: Logo que cheguei aqui, eu vim pra cá com a iniciativa de encontrar uma academia e ao mesmo tempo sabendo de uma possibilidade de bolsa, eu contava com essa bolsa pra me manter na Universidade.

Fernanda: E aí você entrou para o Grupo Êxtase quando?

Paulo: Eu entrei em 2006, em agosto, através da primeira audição do próprio grupo. Houve uma audição de *ballet* clássico, improvisação, criação, aulas de teatro e depois uma aula com o Mário Nascimento, que ele selecionou quem poderia ou não participar do espetáculo.

Fernanda: Aí você participou da primeira montagem de “A Caravana da Ilusão”?

Paulo: Eu participei da montagem de “A Caravana da Ilusão”, depois da segunda montagem “Alguém atrás de mim”.

Fernanda: Então você participou das turnês de “Caravana” e “Alguém atrás de mim”. Qual a diferença entre as duas turnês? Apesar de ter participado só um pouco da turnê de “Alguém”.

Paulo: Na verdade eu não acho que eu participei só um pouco, eu participei da turnê inteira de Alguém, por mais que eu estivesse machucado... é que eu considero essa turnê, a turnê de “Alguém” ela começou o ano passado, esse ano foi o finalzinho dela a partir do prêmio, então a turnê do “Alguém” é antes do prêmio. O prêmio é algo extra, então eu participei da turnê de “Alguém” eu não participei totalmente do prêmio, que foram umas dez apresentações este ano. Eu participei de cinco e não participei das cinco finais.

Fernanda: Então você sentiu diferença entre as duas turnês?

Paulo: Senti, a diferença maior, de certa forma o mesmo público que a gente teve em “Caravana” foi o público de “Alguém”, a gente retornou em muitas escolas, repetia o ambiente, só que já tinha um *feedback* diferente, primeiro pela própria história. “Caravana” é um pouco mais infantil, mais mística, com mais brincadeiras, por mais que tenha dança “Alguém” é um tema é pesado, a movimentação é pesada, e não há como abaixar o semblante, a expressão, a carga dramática e o tônus muscular. Então ele é muito pesado, muito puxado, por mais que você tenha uma relação com o público- o bom das apresentações da turnê é que elas são em escolas então o público fica mais perto dos bailarinos- é uma coisa de chocar e de assustar, né?

E o que houve de diferente são as conotações sexuais que o público percebe, as crianças e os jovens percebem na coreografia e que muitas vezes nós bailarinos, em nenhum momento a gente percebeu isso e aí a gente começou a perceber que o público fazendo essa associação sexual com as brincadeiras do cotidiano, a gente aprende a identificar aquilo que já existia e que pro público era legal. Ou eles gritavam, ou eles riam, ou eles achavam interessante, então eles destacam muitas vezes isso. Então eu acho que foi uma coisa muito boa esse espetáculo, que a gente conseguiu fazer com que o espetáculo que parecia pesado e distante daquele público, dialogasse com o público, com o público jovem com até crianças, que a gente achava meio impossível, na minha opinião. Mas dialogou e foi muito bom pra gente perceber esse *feedback*.

Fernanda: A dança contemporânea te dá essa possibilidade de adaptar coisas para que o espetáculo fique melhor?

Paulo: E eu acho que é uma coisa que o Mário dá, abre espaço, quando a gente começa a apresentar o mesmo espetáculo, a coisa começa a fazer parte de você. Então se há alguma mudança por necessidade espaço, aquilo vai entrando em você, você faz parte dessa mudança, então você vai entrando dentro dessa história. Então em “Alguém” desde o começo eu tentei criar uma historia pra mim, pra tornar aquilo mais real, também a partir das orientações do coreógrafo. Só que com o tempo aquilo ficou mais gostoso, então perdeu um pouco da dramaticidade pra ficar mais divertido também, porque você percebia uma resposta do público, né? Então foi muito bom.

Fernanda: O que você acha de participar de um espetáculo que é apresentado para escolas públicas estaduais? O que você sente de ser uma das pessoas que faz isso?

Paulo: Eu me sinto muito feliz e satisfeito como artista. Por mais que eu goste do palco da relação público, ainda tem um contato distante, quando você se apresenta nas escolas você tem um contato maior e a resposta mais rápida, então eu me sinto muito mais feliz como artista., no papel de arte-educador. O artista ele educa, ele transforma, ele cria ele alimenta a imaginação da criança, do aluno, dos jovens e do adulto. E nas escolas a gente percebe essa imaginação, esse desejo, essa vontade de ser artista, de estar no palco, de querer dançar, de viver aquilo junto com os bailarinos, porque ao mesmo tempo em que você está dançando você vê o público respondendo, sinestesticamente e não é só o olhar e expressão facial é de estar movimentando o corpo e isso é muito bom, né? Por mais que, às vezes, eu ainda questiono o papel de educação da arte, mas eu acho que a questão de formar um público, de trazer uma novidade, o acesso a arte, a dança, a dança contemporânea em específico, enriquece muito, me faz me sentir bem melhor com a minha arte, com o meu papel.

Fernanda: O que você sente quando está dançando de frente para uma criança e ela está respondendo?

Paulo: Eu faço questão de provocar mais, eu faço questão de tentar entrar em contato com ela, dialogar, muitas vezes eu entro em contato, tento modificar a minha cena na frente da criança, pra responder aquilo que ela já respondeu. Então se ela responde com o olhar eu reproduzo um movimento, reproduzo uma seqüência, com um novo olhar, pra eles terem uma reação melhor. Então eu aumento o diálogo, se eu percebo que ele está fugindo, eu utilizo essa fuga dele pra dialogar com ele, né? Na verdade é um diálogo com as necessidades dele, com os medos dele, com os receios e com os desejos das crianças, que muitas vezes é intrínseco, mas perante a arte, perante a apresentação ele manifesta aquilo. Mesmo o adolescente é espontâneo, por mais que ele tenha isso preso, quando ele ta muito próximo a arte aquilo inconscientemente se manifesta, aqueles desejos, aqueles anseios, apesar do riso, da

brincadeira, mas é isso que está dentro deles e muitas vezes na sociedade eles não tem a oportunidade de se expressar, né?

Fernanda: Eu sei que você já falou um pouquinho, mas qual é a diferença de dançar em um teatro e em um pátio, ou quadra de escola?

Paulo: O principal é o contato e o diálogo. Na escola você consegue dialogar por mais tempo, então tem você dançando, ele respondendo, você modificando uma nova questão, uma nova situação e ele respondendo novamente. Com o público nos teatros isso é meio impossível, você percebe esse diálogo no final do espetáculo com o aplauso deles, na maioria das vezes. Então é um diálogo inexistencial, é um diálogo da temática, do conteúdo, da performance em si, dos bailarinos em relação ao público, mas raramente você consegue observar, olhar para o público e identificar reações durante o espetáculo, a não ser quando o público que esteja assistindo sejam crianças, jovens, adolescentes, ou pessoas que não tem tanto contato com a arte, porque eles se manifestam durante o espetáculo. E isso é bom, por mais que de certa forma eu seja contra em alguns aspectos eu sou muito a favor e o coreógrafo, Mário Nascimento, ele fala muito disso, que ele prefere que o público jogue alguma coisa no palco, que o público grite, que o público levante e vá embora, porque ele tá reagindo diante daquilo, do que o público fique parado e no final ele aplauda, mas aplaudiu por que? Por que é conveniente? Né? Não. Então essa pra mim é a maior diferença, eu sinto que eu converso com o público, nas apresentações de escolas, nas praças públicas, onde a gente tá mais próximo. Agora quando tem um tablado alto, um palco isso acontece muito pouco, né?

Fernanda: Qual é o papel que você acredita representar para as crianças que te assistem?

Paulo: Fica muito difícil de eu dizer o que elas vêem. Mas eu posso dizer o que eu estaria vendo, ou o que eu vejo quando eu assisto espetáculos. Eu me vejo dançando, eu me vejo realizado, vejo aquilo que é longe muito mais próximo de mim, então é como se a distancia não existisse, eu me vejo no palco junto. Eu não acho que eu represento alguma coisa, mas o todo ali é como se aquele sonho, aquele sonho, aquele imaginário fosse palpável, então acredito que eu e os outros bailarinos se tornam mais palpáveis. Um sonho palpável, uma realidade palpável, que ele possa chegar, pegar e sentir. Então é como eu sinto quando eu estou perante a um artista, eu acho que aquilo tá muito mais próximo de mim, é como se eu estivesse dançando com ele, conversando com ele mesmo.

Fernanda: Quais foram os pontos positivos e negativos da turnê?

Paulo: De positivo eu acho que é o enriquecimento e o amadurecimento que você tem, seja artisticamente, com ralação ao grupo que você trabalha, bailarinos, diretores, coordenadores, e também o próprio amadurecimento com o público, né? Porque é um diálogo constante, então você vai criando, você vai transformando, você vai percebendo a cada dia como aumentar o seu diálogo, como agir de acordo com a faixa etária. Então são coisas que você vai guardando pra você, de relações humanas. O negativo é a forma com que muitas vezes a coisa acontece, duas, três apresentações no mesmo dia, por necessidades nossas, da Universidade, de viajar, né? Então isso satura o nosso corpo, satura o psicológico, o emocional. Não porque a gente não quer dançar, mas porque a gente não consegue se sentir bem na totalidade, dando conta de tudo que a gente poderia. Então isso é de certa forma um negativo. Eu não sei se tem mais negativos, porque por mais que alguma coisa é ruim, sempre tento levar algo de bom e o lado melhor é o contato com as crianças, é o contato com o público, é voltar lá e ver aquele público recebendo você de novo e vendo o novo espetáculo de forma diferente, com um lado mais crítico, um lado mais artístico. Isso é maravilhoso.

Fernanda: Você acha que aprendeu alguma coisa com as crianças?

Paulo: Muito, muito... Com certeza eu aprendi muito com elas, principalmente na questão de relações humanas, né? De como na sociedade algumas coisas são pré-concebidas, seja na questão de brigas, na questão de relacionamento, de amor, de sentimentos, de sexo, como isso daí está pré-concebido neles socialmente e marginalizado neles. O homem tocar uma mulher de uma forma mais perto... isso já está muito pré-concebido neles e, as vezes, é negativo. Então a arte tem a possibilidade de dialogar isso de forma diferente de quebrar alguns desses preconceitos, desses paradigmas, né? Então eu aprendo muito nesse sentido de como é a sociedade, mas também eu aprendo muito da questão de quanto a arte tem possibilidades de tocar alguém, de sensibilizar de te elevar. Ao ver a criança rindo, os olhos brilhando, dela empolgada com aquilo. Então eu percebo na prática o verdadeiro papel da arte, da dança também, que é aproximar as pessoas e de elevar tirar você daquele estado social, material e te sublimar um pouco. Eu acho que é uma das coisas que eu mais aprendo, mas que é a minha forma de ver a vida. Então não é que eu só aprendo, eu afirmo aquilo que eu acredito, muitas vezes.

Fernanda: Você acha que a temática do “Alguém atrás de mim” é pesada para ser apresentada em escolas?

Paulo: Eu achava que a temática era muito pesada, antes e no meio da turnê, mas a partir do meio da turnê, com as reações do público, eu percebi que quem faz ser pesado ou não, são os bailarinos e as crianças. Porque você percebe quando elas reagem, elas não estão vendo com peso, elas estão reagindo a aquilo que elas têm na sociedade, muitas vezes elas vêem muito mais violência, elas vêem coisas muito mais fortes na própria casa, na própria sociedade, na televisão e aquilo ali é uma forma diferente de expressar aquilo que eles vêem. Uma forma artística, então eu não acho que é pesado. Eu percebi que aquilo ali não é pesado pra eles e depende de como você coloca, às vezes quanto menor o público, mais crianças, você não precisa intensificar tanto as coisas, você pode deixar aquilo mais relaxado, mais solto. Então eu modifico minha expressão de acordo com o público, se é em um teatro, se é para crianças, não porque eu acho que um merece mais do que o outro, é de acordo com o ambiente. Da mesma forma com que a gente se manifesta com as pessoas que a gente conhece de acordo com o ambiente na sociedade, eu modifico a minha forma de me manifestar na dança, nesse espetáculo, de acordo com o público, para ser menos ou mais pesado de acordo com o público. No começo eu achava pesado, agora acho que não. Tem coisas muito mais pesadas na sociedade e eles lidam bem melhor que a gente, estão de certa forma muito mais acostumados que a gente.

Fernanda: O que você acha do Prêmio “Cena Minas”? Que propõe formação de público

Paulo: Eu posso falar como artista que é bom pra mim, né? Porque é um reconhecimento, um reconhecimento da expansão cultural, da expansão da divulgação, da expansão da formação público, que é essencial para o interior de qualquer estado, pro Brasil em si, né? Porque valorizo grupos de interior que se propõem a investir e levar a arte, da mesma forma que é levado no teatro, em escolas, né? Claro que não tem os recursos de acordo com o palco, a iluminação, mas é o mesmo espetáculo, é o mesmo conteúdo, com as mesmas preocupações e, às vezes, com uma preocupação maior ainda com as crianças, com como eles vão reagir. Então o “Cena Minas” valorizando com esse prêmio, seja o Grupo Êxtase ou pra outros, enriquece essa formação de público e eu diria a formação de grupos, né? Porque é uma possibilidade de novos grupos se espelharem e buscarem essas alternativas para apresentação de espetáculos.

Fernanda: O que você acha de uma publicação, seja um livro ou uma revista, sobre a turnê para ser distribuído para quem gosta de dança e admira a arte?

Paulo: Eu acho que qualquer manifestação escrita, teórica sobre a dança é favorável, principalmente porque eu trabalho nessa área, então enriquece e leva a dança para muitos outros, então é benéfico de forma geral. Amplia a cultura, amplia o conhecimento e transforma uma coisa prática de certa forma em científica, teórica e precisa ser valorizado. A partir do ponto em que é focado num grupo específico eu acho que isso tem que ser um modelo, no caso da Zona da Mata de Minas, o Grupo Êxtase e seu trabalho no interior de divulgação da dança e formação de público, sendo que esse grupo teve algumas premiações por ter efetivado um resultado. Então eu acho que serve como modelo e como exemplo, mas não como louvor, ou como engrandecimento, porque eu acredito que existem outros grupos que fazem coisas muito maiores que a gente e não são valorizados, não ganham para isso, ou ganham bem menos. Então que acho que como modelo e como exemplo para outros grupos.

Nome: Reyner Araújo

Idade: 28 anos

Profissão: Fotógrafo e estudante de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Data: 11 de outubro de 2009

Local: Residência da entrevistadora

Fernanda: Como é que você começou a gostar de fotografia e a fotografar?

Reyner: Eu tive um amigo, no segundo grau, ele voltava das viagens com álbuns gigantes de fotos e fotos maravilhosas e eu gostava, mas das fotos do que das viagens, porque eu conhecia os lugares, mas eu não conseguia tirar aquelas fotos. Em princípio ele não quis me emprestar a câmera, mas ele falou lê esses livros que talvez um dia eu te empreste a câmera. Com 15 dias eu li os livros e falei: "Agora você me empresta a câmera?" (risos)

Ele emprestou, eu comecei a fotografar e não parei mais.

Fernanda: E você escolher Jornalismo como curso de graduação tem haver com a sua paixão pela fotografia?

Reyner: Sim e não. Eu tinha tentado biologia antes, quase passei, mas quase não conta. Então eu precisava, no outro ano mais um vestibular, aí eu fiquei pensando se ia tentar biologia de novo, aí meu pai falou que Jornalismo era uma coisa muito legal e eu tinha facilidade com humanas. E aí eu tentei, pensando assim, ah vai ser legal, eu posso fotografar, pelo menos, e aí tentei passei e deu certo.

Fernanda: Durante o curso você fotografou muito?

Reyner: Eu aprendi muito, eu fui monitor de laboratório de fotografia, eu fiz duas disciplinas de fotografia, mas eu aprendi mais ensinando e ajudando os meus colegas do que nas disciplinas. Eu tive contato com outras disciplinas que abriu o horizonte pra mim, pra me ensinar a fotografar.

Fernanda: Hoje em dia você fotografa para o Grupo Êxtase de Dança e eu queria saber como é que você começou a fotografar para a Patrícia.

Reyner: Como um adolescente empolgado. Eu tirei algumas fotos e eu já tinha visto algumas fotos deles e era uma série de branco e preto e eu revelei e eu mostrei pra diretora. Tinha uma amiga que estudava comigo que fazia balé, daí ela falou: "Eu te apresento e você mostra as suas fotos". E aí eu mostrei as fotos e ela falou: "Estão boas, mas falta alguma coisa em uma..." E ela usou algumas fotos minhas pra corrigir os bailarinos e eu gostei, eu achei legal, as fotos já tem uma utilidade. Aí ela pediu as fotos pra ela e eu acho que as primeiras fotos eu dei e eu falei que eu podia fazer mais se ela me pagasse para eu fazer. E aí eu fotografei mais uma vez e no terceiro trabalho ela já tinha me contratado. Eu troquei pra digital aí ficou mais fácil ainda pra mostrar o trabalho e a maioria dos fotógrafos da cidade faziam fotos de dança como se estivessem fotografando uma festa de aniversário que tem que colocar todo mundo em pose, tem que estar todo mundo sorrindo e eles por questões profissionais eles não tinham tempo e não queriam acompanhar o grupo. Eu tinha tempo e interesse de acompanhar. Então untou as duas coisas e eu acabei entrando casa vez mais e ficando cada vez mais perto. E aprendendo cada vez mais, porque enquanto eu tinha interesse em fazer as fotos, eles tinham interesse que as fotos fossem boas, então eles me ensinavam balé para que saísse bem.

Fernanda: E você começou acompanhar as turnês desde quando?

Reyner: Desde 2005. Bom, turnê igual a gente tem hoje, de escola, começaram em 2007, mas em 2005 eles já faziam apresentações no Centro de Vivência. E algumas apresentações de dança, por exemplo, uma companhia de fora vinha pra cá, pra dar aula ou vinha para apresentar o espetáculo, muitas vezes a Patrícia é que convidava o grupo, então ela é que rodava com o grupo na Universidade, em algumas escolas, então eu acompanhava desde 2004 com fotos banco e preto, 2005 com fotos digitais, então desde 2004. Mas as caravanas com esse esquema de ir em escolas e sair da cidade, só em 2007.

Fernanda: O que você acha de ser o principal responsável por registrar os momentos do Grupo Êxtase? Por que parece que é um grupo que está crescendo que vai longe e os registros que ele tem são seus.

Reyner: É uma... No início eu sentia muito mais responsabilidade porque eram trabalhos pioneiros e tinha um pouco de cobrança do que é que vai ficar. O que é que a gente vai mostrar pra quem não assistiu ao espetáculo. O que é que eles vão ver através das fotos do espetáculo que aconteceu? E ao mesmo tempo, para os bailarinos era a chance de sair da sala de aula e ter um palco, não um palco tradicional, mas uma quadra, de ter um espaço onde eles podiam se mostrar mais, onde eles podiam se doar mais, então tinha uma divisão entre fotografar os bailarinos, ou o público. Agora é tranquilo dosar isso, na minha cabeça e tranquilo. No início eu fotografava o público e a reação deles. Mas ma coisa instintiva, porque a gente não sabia que ia ser um projeto que a gente ia ganhar prêmio e percorrer várias escolas e na primeira escola quando eles viram as fotos eles gostaram muito dessa escolha, da escolha de priorizar o público e não os bailarinos. Até então em todas as apresentações, até porque no palco tradicional, geralmente, as pessoas ficam mais baixas e a luz tá toda no palco e não tem luz na platéia, então não dá pra fotografar a platéia. Em um ambiente no ar livre, onde a luz é a mesma e eles não montam palco, é só um linóleo nas escolas. Então hoje em dia, eu não fico pensando, "Nossa, essas são as únicas fotos de registro, eu tenho que fazer". Eu já encaro como se fosse uma coisa natural, eu vou lá então as fotos vão sair. Mas tinha um peso maior no início.

Fernanda: Você acompanha todas as turnês pelas escolas. O que você acha da iniciativa do Grupo, da iniciativa da Patrícia, que na verdade é patrocinada por um prêmio da Secretaria de Cultura, mas se eles não quisessem, eles não fariam isso. O que você acha dessa iniciativa?

Reyner: Então. Eu tinha acompanhado outras apresentações no meio universitário e é totalmente diferente, levar uma discussão- porque a dança tem essa discussão, ela gera essa discussão - levar a dança pra um público estudado, pra um público bem informado e levar isso para crianças e adolescente que estão começando a conhecer as possibilidades, por exemplo de se contar um conto, um conto pode ser contato através de dança teatro, música, poesia e essas possibilidades de crianças pobres principalmente porque são de escolas públicas e o ensino público no país geralmente é destinado para crianças pobres terem acesso a um espetáculo de ponta, com bailarinos profissionais, que ensaiam horas por dia, que tem pesquisa por trás disso, eu acho que isso enriquece muito. Todas as vezes que a gente tem chance de conversar com as crianças elas ficam encantadas com aquele mundo que está sendo levado ali. Muitas delas nem acreditam que as pessoas são de carne e osso e a roupa é uma roupa comum, muitos perguntam assim: "É por causa daquele tênis que eles saltam daquele jeito?" ou "É aquele pano no chão que faz ele saltar?" Então levar um pouquinho de sonho, doar um pouco de tempo para essas crianças, abre um mundo novo que talvez elas não tivessem oportunidade tão cedo de conviver e quanto mais cedo elas tiverem a oportunidade de conhecer uma palheta nova de cores, um mundo diferente, mais cedo elas vão seguir um caminho diferente ou não vão seguir um caminho que muitos acham que já está traçado, porque é desse ou daquele lugar, por pertencer a uma camada mais baixa ou por ter essa ou

aquela cor de pele. Então pra mim, apesar de não poder ser, o mais enriquecedor seria que elas pudessem além de assistir a esse espetáculo, vê como é que esse espetáculo é feito, ter uma conversa com eles, ou talvez até ter uma ajuda para brincar de montar um espetáculo. Mas não dá pra fazer isso em todos os lugares, então só de ter esse espetáculo, só de ter esses olhares, esse despertar, essa pequena fagulha nascendo acho que vale todo o esforço.

Fernanda: O que você mais gosta de fotografar na turnê? Mais especificamente no "Alguém"?

Reyner: Eu acompanhei as montagens dos espetáculos, não dá pra saber a reação das crianças. o espetáculo "Alguém atrás de mim" ele foi concebido como uma neurose da vida moderna, então é uma coisa que eu achei no início que as crianças não entenderiam, ou não compreenderiam bem. A maquiagem é muito densa, as roupas são escuras, os movimentos são tensos e não dava pra saber a reação das crianças, mas quando a gente chega na escola e de repente a criança descobre em um movimento em uma cena que aquilo ali é cômico, elas mostram pra gente que a tensão, a neurose que a gente imagina é muito mais que a gente não consegue dar risada de certas coisas. Então eu gostava muito que elas riam de determinadas coisas que eu achava muito tenso e ensinava que tem uma leveza por trás que a gente não consegue ver e que elas viam. Então era muito gratificante olhar pra aquelas crianças, mesmo sem saber do contexto que aquilo foi criado, mesmo sem saber das neuroses dos dias modernos ou de cidades grandes, elas compreendiam a dureza daquilo, mas conseguiam achar uma leveza e sorrir e achar divertido. Era o que eu mais gostava na turnê.

Fernanda: Você pretende continuar fotografando dança?

Reyner: Sim.

Fernanda: Por quê?

Reyner: Pelo que a dança proporciona é muito diferente de um casamento, ou aniversário, de um evento, porque a gente convive com pessoas, mas de uma forma diferente. Num casamento a gente está convivendo num momento de muita alegria pra pessoa, mas isso não trás uma discussão, faz a gente enxergar as coisas de uma forma diferente. A dança trás pra mim um horizonte que muitas vezes eu não tenho, então no meu trabalho eu faço como um momento de reflexão, quando estou fotografando. Então eu quero continuar na dança porque me traz um jeito novo de enxergar as coisas com a sociedade.

Fernanda: Você acha que um fotodocumentário consegue mostrar um pouquinho da história, do que aconteceu nessa turnê? Será que ele é um instrumento capaz de mostrar isso a outras pessoas e incentivar que elas façam o mesmo?

Reyner: Só quem estava lá conseguiu sentir aquilo e esse sentimento é diferente em cada um, mas um fotodocumentário ou o fotodocumentarista ele está justamente de olho nessas sensações, no que essas crianças sentiram, no que foi esse espetáculo. Ele não é a totalidade, todo o trabalho de fotografia não é a totalidade, mas pra quem não estava lá ele é um meio importantíssimo de documentação e de análise dessas apresentações. A maioria da população não viveu a Guerra do Golfo, por exemplo, ou a Grande Depressão nos Estados Unidos, mas a gente tem imagens fabulosas e contam pra gente como a população estava naquele momento e dá pra ver, literalmente, ver o sofrimento daquelas pessoas e com as fotos de dança dá pra ver, literalmente o medo, algumas vezes do desconhecido, a alegria a apreensão porque é uma coisa nova. A alegria porque esse é um momento novo, onde todo mundo pode ficar junto, não tem que ficar assistindo aula. A preparação dos bailarinos e eles também nervosos e felizes por terem a oportunidade de conviver com essas crianças e rodarem esses lugares. Se a

gente não tivesse isso, essas imagens, talvez as palavras fossem pouco pra dizer o quanto aconteceu o quanto foi legal.

Nome: Sebastião Pinto de Miranda
Idade: 60 anos
Profissão: motorista e empresário
Data: 27 de outubro de 2009
Local: Núcleo de Arte e Dança

Fernanda: Ha quanto tempo o senhor transporta o Grupo Êxtase? O senhor sabe?

Sebastião: Desde o comecinho.

Fernanda: Desde 2001, então?

Sebastião: Com certeza.

Fernanda: Então tem muito tempo que o senhor conhece o Êxtase?

Sebastião: Tem. Eu conheci Patrícia quando eu trabalhava na TIM.

Fernanda: O senhor conhece todos os bailarinos?

Sebastião: Conheço, eu não sei o nome das pessoas todas, eu não sou de gravar nome.

Fernanda: O senhor os assiste dançando?

Sebastião: Sempre.

Fernanda: E o que o senhor acha de eles dançarem em escolas públicas? Eles também fazem apresentações em tetos e as pessoas pagam para ir, mas nas escolas as crianças não pagam. O que o senhor acha disso?

Sebastião: Eles dançam a mesma coisa que se estivessem dançando num local pagando. A dança deles é a mesma e eu acho que eles dançam muito bem.

Fernanda: O que o senhor acha que as crianças ganham com essas apresentações?

Sebastião: Eles ganham a iniciativa de querer dançar também.

Fernanda: Antes de conhecer Grupo Êxtase o senhor gostava de apresentações de dança?

Sebastião: Eu andei vendo umas outras danças, de um pessoal de fora do país, eu vi uma vez em Juiz de Fora, nem teatro lá, eu estava vindo do Rio com um pessoal da Universidade e parando por lá e assistimos *ballet*, parece... com umas roupas grandona, mas era tudo idoso dançando.

Fernanda: Agora o senhor gosta mais de dança por causa do Grupo?

Sebastião: Sim. Eu gosto de assistir. Sempre quando eu vou, eu assisto.

Fernanda: O senhor gosta de dirigir para o Grupo Êxtase?

Sebastião: Eu gosto, eles são muito bons de viajar, todo mundo é. Eles são muito divertidos, você não vê ninguém com a cara ruim, eles estão sempre alegre, eu acho muito bom viajar com eles. Eu acho que eles gostam de viajar comigo e que gosto de viajar com eles.

Fernanda: Quais os lugares o senhor já levou o grupo?

Sebastião: Nós fomos a BH, Juiz de Fora, Cataguases, Ubá, várias vezes, Ponte Nova, Mariana, além de todas as escolas de Viçosa.